

REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP



ARTE: ANA ALICE FRANCISQUETTI - GRAVURA EM METAL SOBRE PAPEL JAPONÊS. MONTAGEM EM XEROX

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP**Publicação:** Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo**APRESENTAÇÃO**

A Revista de Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no site da AATESP- www.aatesp.com.br . Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas de arteterapeutas associados e de autores de áreas afins orientados por um arteterapeuta associado, interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e a reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

GRUPO EDITORIAL

Contato: revista@aatesp.com.br

Editora:

Dra. Leila Nazareth

Conselho Editorial:

Dra. Leila Nazareth

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabiatti – AATESP

Esp. Maria Angela Gaspari

Dr. Sandro Leite

Conselho Consultivo:

Dra. Adriana Leopold – Freedom

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares – ABCA, FEN-UF, UNB

Angelica Shigihara de Lima - AATERGS

Ms. Artemisa de Andrade e Santos – UFRN/ASPOART

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande – AATESP

Dra. Cristina Brandt Nunes – UFMS

Dra. Cristina Dias Allessandrini – Alquimy Art

Ms Dilaina Paula dos Santos – AATESP

Dra. Irene Gaeta Arcuri – UNIP

Dra. Lara Nassar Scalise – INSTED

Ms. Lidia Lacava – ISAL / Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Marcia Bertelli Bottini – ASPOARTE

Ms Marcieli Cristine do Amaral Santos – AATESP

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli – CEFAS-Campinas

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Mônica Guttmann – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Patrícia Pinna Bernardo – UNIP

Dr.. Sandro Leite – FMU

Dra. Selma Ciornai – Instituto Sedes Sapientiae



Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi – UNIPAZ

Ms. Tania Cristina Freire – AATESP

Dra. Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves – Escola Castanheiras

Capa

Ana Alice Nabas Francisquetti

Formatação, Editoração

Gisela Dias

Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria – Gestão 2019-2020

Diretora Gerente

Dilaina Paula dos Santos

1ª Diretora Adjunta

Regina M, H. Chiesa

2ª Diretora Adjunta

Patricia Pinna Bernardo

1ª. Secretária

Marcia Cristina de Aguiar

2ª. Secretária

Soraya de Carvalho Lucato

1º. Tesoureira

Cristina de Barros Shigueru

2ª Tesoureira

Eliana Cecilia Ciasca

Conselho Fiscal

Lara Scalise

Claudia Brittes Tosi

Teresa Kan Teng

Valéria G. da Cruz Montaro

Celso Luiz Falaschi

Revista

Leila Nazareth

Sandro Leite

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Maria Angela Gaspari

Sumário

Editorial

A Arteterapia produzindo transformações no ciclo de vida humano..... 02

Leila Nazareth

Símbolos de poder ser si mesmo no adolescer: o espaço arteterapêutico promovendo escuta, diálogo e ressignificações 05

Dilaina Paula dos Santos

Luto Cotidiano, Perdas Diárias e Vida Saudável 28

Danieli Vidal Vianna Parente

Benefícios da Arteterapia para criança com Transtorno do Espectro Autista 51

Sandra Erica da Silva Penha

A Importância da Arteterapia no processo de individuação feminina – Fênix ressurgida na metanoia..... 80

Maria da Graça Alves Cardoso

Arteterapia como potencial ferramenta para o desenvolvimento corporal.... 100

Jessica de Oliveira Barros

NORMAS DE PUBLICAÇÃO..... 126

A Arteterapia produzindo transformações no ciclo de vida humano

Leila Nazareth

A presente edição da Revista de Arteterapia da AATESP conta com uma interessante coleção de artigos, que acompanham várias etapas do ciclo de vida das pessoas, em sua diversidade de possibilidades e contextos. A Arteterapia oferece muitas possibilidades de abordagens criativas para os conflitos vivenciados ao longo da vida, como poderemos observar a partir da leitura desse material, a seguir.

O primeiro artigo a compor este exemplar é de **Dilaina Paula dos Santos**, **Símbolos de poder ser si mesmo no adolescer: o espaço arteterapêutico promovendo escuta, diálogo e ressignificações**. A autora aborda a adolescência, em toda a sua complexidade no contexto da contemporaneidade. Visa, a partir da Arteterapia, a oferecer um espaço ritualístico de escuta, de diálogo e ressignificação sobre o adolescer no contexto de um país de dimensões continentais, levando em consideração as diversidades regionais, sociais e culturais. A fundamentação teórica do trabalho traz autores interacionistas, como Vigotski, Outeiral e Piaget, em diálogo com a Psicologia Analítica (Jung, Byington). É apresentado um recorte de um processo arteterapêutico com adolescentes contemplando as manifestações simbólicas e o empoderamento do indivíduo adolescente perante seu grupo.

Na sequência, **Danieli Vidal Vianna Parente** apresenta-nos sua produção: **Luto cotidiano, perdas diárias e vidas saudáveis**, resultado de uma pesquisa sobre o processo de luto a partir de uma leitura sobre perdas cotidianas, do apego e como a possibilidade de vivenciar adequadamente tais processos favorece uma melhora, interior e exterior, nas diversas áreas da vida do indivíduo. A pesquisa

empregou a metodologia das Oficinas Criativas e Psicoterapêuticas (Alessandrini) e teve como fundamentos teóricos estudos sobre a Psicologia Analítica (Jung, Krubler-Ross), apego (Bowlby), gerontologia, astrologia e luto. Os resultados sugerem que as obras criadas contribuíram para o enfrentamento, aceitação e superação do luto, melhorando também a conduta do indivíduo em relação à perda sofrida e trazendo um aprendizado sobre como lidar com o apego.

Contamos, em seguida, com a produção de **Sandra Erica da Silva Penha, Benefícios da Arteterapia para crianças com transtorno do espectro autista**. A autora propõe que a Arteterapia pode contribuir para a amenização dos sintomas do TEA (transtorno do espectro autista) e tem como objetivo apresentar os benefícios alcançados no atendimento de uma criança com TEA n.1, com 11 anos de idade. O trabalho foi desenvolvido tanto em ambientes abertos, como praças, como em espaços clínicos e educacionais convencionais. Os resultados sugerem a melhora de diferentes habilidades da criança atendida na pesquisa.

A importância da Arteterapia no processo de individuação feminino – fênix ressurgida na metanoia, de **Maria da Graça Alves Cardoso**, tem como objetivo analisar a contribuição do processo arteterapêutico para transformações que ocorrem em mulheres com idade entre 50 e 60 anos, a metanoia. A autora desenvolve a pesquisa em 9 sessões oferecidas a um grupo de três mulheres na faixa etária contemplada no estudo, donas de casa, casadas e mães. A teoria que fundamenta a pesquisa é a Psicologia Analítica (Jung), notadamente os conceitos de individuação e metanoia. O artigo focaliza três das sessões realizadas, por ilustrarem cabalmente o que Penha se propôs a demonstrar.

Jessica de Oliveira Barros responde pelo trabalho **Arteterapia como potencial ferramenta para o desenvolvimento corporal**. São relatadas vivências de um grupo de 10 crianças com 3 anos de idade, no contexto educacional (Educação Infantil), com vistas a favorecer a constituição do eu, do outro e do grupo. O objetivo do trabalho foi desenvolver o corpo e o movimento, favorecer a construção de saberes singulares e o estabelecimento de parcerias. A pesquisa teve como base teórica a Psicanálise (Winnicott) E a Psicologia Analítica (Jung). Os resultados apontam para a Arteterapia ter constituído uma estratégia que contribuiu para o atendimento dos objetivos propostos, favorecendo aprendizados significativos para as competências durante a vida.

Desejamos uma leitura proveitosa a todos os leitores e convidamos todos os que queiram compartilhar suas experiências e reflexões a enviarem seus textos a esta Revista. As normas para publicação estão no final do exemplar.

Artigo Relato de Experiência

Símbolos de poder ser si mesmo no adolescer: o espaço arteterapêutico promovendo escuta, diálogo e ressignificações

Symbols of being able to be oneself in adolescence: The art therapeutic space promoting listening, dialogue and resignifications.

Dilaina Paula dos Santos¹

Resumo: O universo do adolescente nos dias de hoje e suas vicissitudes sendo visitado pela Arteterapia na perspectiva de oferecer um espaço ritualístico de escuta de si mesmo, expressividade, diálogo e ressignificação de perspectivas. Foi desenvolvido um estudo sobre um recorte de processo arteterapêutico que observou as reflexões dos adolescentes sobre suas manifestações simbólicas e o empoderamento diante de seus pares.

Palavras-chaves: Adolescentes. Vivência arteterapêutica. Símbolo. Escuta. Ressignificação.

Abstract: The universe of a teenager nowadays and his complexities being visited by art therapy aiming to offering a ritualistic place where He can express, reframe and listen to himself as well as dialog with other teenagers. The research developed is about a frame in the process of art therapy and the reflexion of teenagers about symbolic manifestation and empowerment among their peers.

Keywords: Teenage. Art therapy experience. Symbol. Listening. Resignification.

¹ Graduada em Artes Plásticas e Pedagogia; Arteterapeuta e Psicopedagoga clínica titulada pela ABPp Mestre em Artes pela UNESP. Atuação em contexto clínico com crianças, adolescentes e grupo de mulheres Supervisora de casos clínicos. Coordenadora e docente de cursos de Pós-Graduação em Arteterapia. Conselheira Científica da Revista da AATESP. Palestrante em eventos científicos e entidades educacionais. Autora de livros do livro: Psicopedagogia dos Fantoques: Jogo de imaginar, construir e narrar, editado pela Vetor, e de outros artigos na área. Diretora gerente da AATESP gestão 2019/2020. <http://lattes.cnpq.br/0046752029255450>

Introdução

Durante os muitos anos de minha trajetória como arteterapeuta atendi em meu atelier prioritariamente crianças. Crianças que chegaram à puberdade rumo à adolescência. Mudanças para um novo ciclo se divisavam e me desafiava a acompanhá-las em seu novo momento. Por outro lado, era possível verificar um aumento significativo no interesse pelo método arteterapêutico por parte de pais de adolescentes. Talvez possamos dizer que viam na Arteterapia a possibilidade de oferecer-lhes uma nova forma de expressão para suas angústias que não apenas a verbal na tentativa de diminuir a tão conhecida resistência do adolescente frente à possibilidade de submeter-se a terapia.

A partir da nova demanda tive que mergulhar em pesquisas formais e procurar apoio das famílias, dos adolescentes e escolas para compreender um pouco melhor essa nova forma de estar no mundo, NOVA com todas as letras que essa palavra pode conter porque o adolecer de hoje não é mais o mesmo de 32 anos atrás, quando tive meus primeiros contatos na área da educação com jovens.

A observação de grupos de adolescentes em suas conversas, expressões, formas de convívio, assim como a leitura de artigos e a participação em palestras e rodas de discussão, me levaram a questionamentos e reflexões das mais variadas.

Além do universo profissional, o pessoal também me arrastou para esses encontros. Meu filho adolescente, que a cada dia me questionava, me orgulhava e me desestabilizava, provocou em mim uma postura de empatia para com aqueles pais que chegavam até mim. Pude então vivenciar na pele, na carne, no osso e no coração aquilo que antes era só vivenciado na mente.

Considerando que este estudo se fundamenta numa abordagem interacionista, importante ressaltar que esses adolescentes atendidos por mim, fazem parte de um recorte do que vivemos no Brasil, uma vez que temos uma diversidade muito grande de pessoas de acordo com a região em que vivem e do grupo socioeconômico- cultural em que estão inseridos. Podemos observar essas diferenças pelo que a sociologia nomeia de estratos sociais ou classes sociais, a partir de determinados critérios:

especificidades culturais que identificam as várias camadas sociais nos seus **gêneros de vida** (...). Poderemos distinguir os diversos estratos sociais, pela riqueza do vocabulário, pelas profissões desempenhadas, pela maneira de vestir, na ocupação dos tempos livres, pela localização e decoração da habitação, pelos tipo de conduta quando recebem ou se dirigem a alguém, pelos valores sociais objectivados pelo seu empenhamento no trabalho, na sociedade e na educação dos filhos.

<https://sites.google.com/site/sociologiaemaccao/8-desigualdades-identidades-sociais/classes-e-estratos-sociais1>)

Combinando esses critérios, que incluem categorias socioeconômico e culturais, torna-se possível agrupar os membros de uma dada população ou grupo social em classe alta, média e baixa cada uma com especificidades próprias, como por exemplo a combinação de nível de escolaridade, linguagem, bairro de residência, nível financeiro, entre tantos.

Os adolescentes por mim atendidos pertencem à classe média da cidade de São Paulo, frequentadores de escolas particulares ou públicas de boa qualidade, que praticam atividades extracurriculares e que vivem com suas famílias de origem

De acordo com a teoria histórico cultural de Vigostki, 2007, podemos compreender o sujeito não apenas pelos processos de maturação genética ou biológica, mas também pela influência do meio no qual ele está inserido. Ele observa que o funcionamento psicológico da pessoa e suas questões afetivas são

decorrentes do entrelaçamento de diversos fatores, sendo que o cultural desempenha um papel de suma importância.

A fase da adolescência, por sua complexidade, é uma fase de muitas conturbações, por isso os especialistas dos campos da saúde e educação vêm buscando reflexões a partir de pesquisas, assim como os adultos responsáveis por eles.

Reflexões que, para se tornarem ações efetivas levam em conta vários aspectos, numa compreensão histórica, cultural e individual, observando a complexidade do desenvolvimento estudada por Vigostki, Outeiral, Lievegoed, Byington, e por outros autores que discorrem sobre esse ciclo vital.

Jung não se ateve a questões referentes ao desenvolvimento do adolescente, mas em sua obra deixa claro que o processo de desenvolvimento pessoal, chamado processo de individuação, se desenvolve durante toda a vida, pois o germe da personalidade já existe desde a primeira infância. Para ele, é na fase da adolescência que ocorre o nascimento psíquico. (JUNG, 2013).

Para entendermos esse mundo adolescente é preciso compreendermos a origem de tudo isso. Estaria esse começo na palavra “adolescência” uma vez que palavra é símbolo e símbolo carrega significado?

O termo adolescência data do início do século passado. Antes disso, esse período era visto somente como uma transição da infância para a idade adulta devido às mudanças físicas, sem nenhuma observância das questões emocionais e sociais.

A palavra “adolescente” vem do particípio do verbo “*adolescere*”, que em português é equivalente a “crescente”: olescer (crescer) e ad (para). Interessante

também que “adolescer” é originário da palavra “adoecer”. Outeiral (2003), observa que esses termos indicam uma condição de crescimento tanto físico quanto psíquico, sendo que transformações mentais e biológicas, com a presença de sofrimentos emocionais, estão presentes. Essa etapa, atualmente, é considerada uma fase em si mesma, pois quando usamos o termo puberdade, estamos nos referindo a mudanças biológicas.

O Estatuto da criança e do adolescente, considera a pessoa até 12 anos de idade incompleto como criança, e a que tem entre 12 e 18 anos como adolescente. (E.C.A, 2019). Já a Organização Mundial da Saúde considera a adolescência o período entre os 10 e os 19 anos, e a divide em três fases:

- Pré-adolescência – dos 10 aos 14 anos,
- Adolescência – dos 15 aos 19 anos completos
- Juventude – dos 15 aos 24 anos.

Em 2003, Outeiral caracterizava a adolescência pela definição da própria identidade, abordando a divisão desse ciclo em 3 etapas:

- “Adolescência inicial”, dos 10 aos 14 anos, em que as transformações corporais trazem insegurança, ocorre um afastamento das figuras parentais e aumento da fantasia.
- “Adolescência média”, dos 14 aos 17 anos, marcada pelas questões relativas às atividades sexuais, pela busca da independência e inclinação a atividades de risco.
- Adolescência final”, dos 17 aos 20 anos, em que se observa o envolvimento com questões profissionais, novos vínculos parentais e aceitação do corpo adulto.

Considerando o estudo de Outeiral (2003), os adolescentes por mim atendidos encontravam-se na adolescência média, em que a crise de relacionamento com os pais se potencializa, pois o caminho para o si mesmo, para a própria individualidade requer rupturas.

Podemos então observar que a adolescência é um período em que importantes transformações ocorrem, ampliando o universo do adolescente. Isso faz com que amplie também sua dimensão social sendo o ambiente sociocultural externo ao de sua família um dos fatores mais importantes nessa etapa.

Inicia-se aqui uma jornada na qual o jovem se depara com várias questões sobre si mesmo, na tentativa de entender qual é o seu lugar e o seu papel no mundo, assim como o que pode oferecer ao mundo e o que pode receber dele. Questões bastante difíceis de serem respondidas. Essa é a jornada da busca da identidade, de sua própria subjetividade. Jornada nada fácil, pois está repleta de fatores que desorganizam o adolescente, considerando entre elas as cobranças sociais para que façam e assumam escolhas. Somando-se a elas, temos ainda as turbulências da atualidade sobre as quais discorrerei mais adiante.

Encontramos no ambiente familiar e escolar uma grande dificuldade em compreender e lidar de forma adequada com os adolescentes. Este fato tem adoecido também toda a sociedade, o que sugere urgência de reflexões sobre a complexidade que acompanha esse período.

A complexidade do adolescente

A primeira dicotomia encontrada é que o adolescente tem maturidade para algumas coisas e imaturidade para outras. Do ponto de vista físico, é olhado como um adulto, mas do ponto de vista psicológico, ainda como uma criança.

Nessa fase ocorre um enorme salto no desenvolvimento físico. Pelo fato de seus corpos exigirem muita energia, os jovens geralmente apresentam um apetite voraz, geralmente dormem e acordam tarde. Mudanças hormonais ocorrem. É um corpo novo que se organiza e que apenas dá notícias de como será. O luto pelo corpo de criança que vai embora e o recebimento desse novo corpo nem sempre é tranquila, medos e inseguranças surgem e junto com elas, a dificuldade de aceitação. Notamos que as meninas são as que estão mais em contato com essas mudanças relacionadas com o aparecimento da menarca.

Em nossa cultura, com intensidade maior ou menor para cada indivíduo e em um tempo sempre pessoal, verifica-se que o adolescente nega, inicialmente, suas transformações. Em seguida, vive a ambivalência entre o desejo de permanecer no estágio infantil – regressão –, e a necessidade de continuar a sucessão normal de desenvolvimento – progressão (...). A autoimagem, construída ao longo dos anos da infância, será necessariamente reformulada a partir de novos esquemas corporais e de novas modalidades de relacionamento consigo próprio, com a família e com a sociedade. (MINISTÉRIO DA SAÚDE 2017, p.85-86)

Ainda segundo o Ministério da Saúde (2017), nesta fase aparece uma necessidade muito grande da vivência grupal e o sentimento de pertença é fundamental, já o de exclusão pode gerar insegurança, baixa autoestima, ansiedade, etc.

A alteração hormonal altera também o humor, fazendo com que vivenciem polaridades diferentes em pouco espaço de tempo, o que acarreta mais insegurança para eles. Se expressam muitas vezes de forma impulsiva, pois ainda não possuem habilidades para lidar com o corpo, colocando muitas vezes em risco sua integridade física.

Adolescentes apresentam uma mudança cognitiva significativa. Segundo a teoria de desenvolvimento de Piaget (2011), eles se encontram no pensamento

abstrato, isto significa que não necessitam mais do objeto concreto para conhecê-lo e que têm uma condição muito maior para refletir e argumentar, assim como levantar hipóteses. O pensar de forma mais filosófica faz com que queiram transformar o mundo naquilo que consideram correto.

Lievegoed, 1987 observou que, como o mundo vai se tornando maior para os adolescentes, começam a refletir sobre esse mundo e seu papel nele. Quais são as suas potencialidades, como são vistos pelos outros e que lugares vão ocupar, são perguntas que começam a constituir-los.

Estas perguntas ainda não podem ser respondidas, o que causa insatisfação, ansiedade e angústias. É muito comum observarmos os adolescentes absortos em seus próprios pensamentos, “brisando”, como eles costumam dizer.

Em relação aos estudos notamos uma dispersão maior, pois o foco volta-se para assuntos diferentes dos conteúdos, mas a exigência escolar aumenta e tudo vai se tornando mais difícil. Os jovens começam a perceber o que gostam de estudar, aquilo que sabem desenvolver com facilidade, avaliam suas capacidades e dificuldades individuais e a dos outros, descobrindo dessa forma o que querem para si.

As experiências sexuais vão se tornando mais intensas, assim como o interesse pelos relacionamentos amorosos, Jung (2013) afirma que o relacionamento amoroso só é possível pela diferenciação gradual do outro, que ocorre com a consciência de si mesmo.

Quando esses jovens são compreendidos e bem orientados, com liberdade para manifestarem suas personalidades, conseguem organizar melhor suas próprias concepções a respeito do mundo e, desta forma, vão se tornando mais

independentes, se diferenciando de seus pais e se identificando com os grupos que convivem.

Em suma, trabalhar essas questões na atenção à saúde dos adolescentes e jovens difere da assistência clínica individual e da simples informação ou repressão (...) a adoção de um comportamento preventivo e o desenvolvimento de habilidades que permitam a resistência às pressões externas, a expressão de sentimentos, as opiniões, as dúvidas, as inseguranças, os medos e os preconceitos. A proposta é reforçar as condições internas de cada sujeito para o enfrentamento e resolução de problemas e dificuldades do dia a dia. (MINISTÉRIO DA SAÚDE 2017, p.38-39)

O adolescente hoje

Pontuamos acima que a adolescência é um momento repleto de turbulências. Como foi dito, os adolescentes são acometidos de medos e inseguranças pelo novo que os aguarda. Além de não saberem como ficará seu corpo, se vão conseguir corresponder ou não ao que se espera deles, vivenciam polaridades relacionadas à alteração hormonal e questões afetivas próprias da idade.

Geralmente ainda não sabem o que querem para si. Esse fato é agravado pelo contexto atual do mercado de trabalho. Temos hoje profissões que, daqui há quatro anos ou menos, não teremos mais. Inseguranças são intensificadas e o medo vai se tornando tão grande que os recursos internos parecem se tornar insuficientes para enfrentá-lo. Esses adolescentes estão expostos a muitas demandas sociais, familiares, afetivas, corporais, mas possuem poucos recursos internos para lidar com elas.

Vivenciam momentos de extrema alegria e extrema tristeza. Tomados pelas polaridades não conseguem integrar cada parte delas dentro de si, ficando nos estados depressivos ou idealizando a felicidade.

Notamos atualmente que as experiências são muito mais virtuais do que concretas. As redes sociais promovem a visão para uma imagem que se apresenta e não o olhar para uma pessoa. A necessidade do sentimento de pertencimento do adolescente, atualmente é traduzida no desejo de serem reconhecidos a qualquer custo. Mostram-se conectados o tempo todo, em estado de alerta para não perderem nada. No mundo midiático e virtual, recebem muitas informações, mas passam por poucas experiências.

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência (...) a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (Bondia, 2002, p.22).

O estar nos lugares é expresso através de fotos momentâneas, e não de uma presença significativa. Pouco participam da natureza do mundo, do ciclo das estações do ano, do dia e da noite, em que os movimentos relacionados ao nascimento, crescimento e morte estão presentes.

Não participando dessa natureza não reconhecem a natureza que existe dentro deles mesmos. Dos ciclos internos, em que algo se vai para algo nascer. Sentem-se desprovidos de símbolos que lhes façam sentido. Buscam a satisfação por algo que está fora deles: o corpo perfeito, o número de *likes* para se sentirem amados, a aprovação de pessoas e grupos sociais.

Numa tentativa de encaixe, frustram-se. Porque o corpo nunca é perfeito, o número de *likes* é sempre menor do que o desejado. Não existe a consciência de que a aprovação ou a desaprovação momentâneas, dizem pouco sobre eles. A

supervalorização da aprovação/desaprovação faz com que não consigam ver as várias partes de si mesmos.

Tudo isso tem gerado angústia extrema, expressa em doenças psicossomáticas como ansiedade, depressão, distúrbios alimentares e em práticas de riscos à integridade física, como automutilação, vícios, e até suicídio.

A ausência de rituais de passagem que os desafiem a trilhar o próprio caminho para se empoderarem de algo, habilitando-os a uma nova fase da vida, acaba por colocá-los muitas vezes nessas situações arriscadas. Na busca dessas vivências ritualísticas, confundem-se com situações que lhes são oferecidas muitas vezes de forma desrespeitosas à condição humana.

Esses jovens necessitam com urgência de espaços para a expressão de seus sentimentos, assim como entendimento e ressignificação do que os acomete. Precisam descobrir seus valores escutando a si mesmos para escolherem seus próprios percursos

A busca do si mesmo e a Arteterapia

A criança necessita ser aceita e se adapta às exigências familiares, por isso ela é bastante influenciada pelo ambiente em que vive. Já o adolescente se afasta de seus pais para buscar a própria identidade. Grimberg (2003), observa que os arquétipos do Pai e da Mãe na adolescência não são mais predominantes, dando espaço ao surgimento do arquétipo do herói.

O herói é aquele que segue uma jornada em busca de suas potencialidades e, ao encontrá-las, empodera-se delas para usá-las a serviço de sua vocação.

Para encontrar as respostas ligadas ao seu lugar e papel no mundo, há de se trilhar um caminho. O caminho da busca do Si mesmo. Para tanto, esses

adolescentes necessitam de um ambiente cortês, que os encoraje a dar os primeiros passos para atravessar a ponte. (LIEVEGOED, 1987)

A trilha para o si mesmo só é efetivamente percorrida através do contato com esse “eu” interno, com o silêncio de sua mente. É dali que surgem as vozes internas que darão expressão aos sentimentos mais profundos.

(...) a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Bondia, 2002, p.24).

Para escutar essas vozes, dar vazão aos sentimentos, podemos usar a arte. Valladares –Torres (2021), afirma que as produções de arte dão oportunidade ao paciente vivenciar o si mesmo de forma mais espontânea porque são manifestações do seu “eu” interno e isso gera novo “sentido” à sua vida.

Algumas propostas vêm sendo realizadas em Arteterapia com o intuito de aproximar mais os adolescentes deles mesmos. Propostas estas cujo objetivo maior é o de promover mais contato e percepção do si mesmo.

A Arteterapia pode ser pensada então como uma possível intervenção com adolescentes, nessa etapa da vida, pois promove a expressão das suas vozes internas através da linguagem simbólica. Para Santos (2015), “O símbolo é o representante de desejos, sentimentos e pensamentos, servindo como objeto de projeção.” (p. 104).

Valladares – Torres diz ainda que:

A Arteterapia permite a conexão com a vida simbólica para fortalecer a criatividade e a resiliência. Igualmente proporciona um diálogo com as

imagens internas de cada pessoa, pois a arte é um processo que possibilita com que os conteúdos do inconsciente cheguem à consciência de forma mais fluida, sem ser interditada pelo Ego na busca pelo autoconhecimento. (VALLADARES-TORRES, 2021, p. 144)

Conforme os adolescentes vão conhecendo a si mesmos, sentimentos, potenciais e tendências pessoais podem ser acessados, assim como dificuldades, tornando mais claro o caminho a ser trilhado, assim como as estratégias de caminhada.

Interessante observar que aquilo que é manifestado na expressão artística durante o trabalho arteterapêutico, revela para eles partes de si mesmos que no dia a dia não conseguem perceber. Colocar luz sobre esses aspectos ajuda-os a sair de uma polaridade e se autorregular.

A experiência da Arteterapia em grupo tem sido de grande valia. O compartilhamento da experiência traz um sentimento de pertença, pois a “conversa” de sua obra construída com as do grupo, revela que muitos dos sentimentos são comuns a todos.

A intervenção arteterapêutica

As oficinas arteterapêuticas desenvolvidas com os grupos de adolescentes aconteciam uma vez por semana com uma hora e meia de duração. No início de cada encontro, privilegiávamos a escuta de seus relatos sobre a semana pós último encontro. Em seguida, fazíamos um momento de respiração para que os participantes pudessem se situar e perceber-se, em que cada um se permitia adentrar-se no “aqui e agora”, se preparando para a atividade a ser realizada. Na sequência, eram realizados exercícios para estimular a presença no aqui e agora do espaço sagrado onde o trabalho arteterapêutico se realizaria: diferentes técnicas de

respiração, imaginação dirigida, trabalhos corporais, de movimento, histórias pertinentes aos temas que seriam trabalhados.

As propostas eram realizadas durante alguns encontros em que, a partir de uma atividade plástica, outra era sugerida, possibilitando a transposição de uma linguagem para outra. A linguagem corporal, musical e verbal faziam parte do processo, amplificando as percepções que se estabeleciam no decorrer da prática.

A amplificação simbólica em Arteterapia tem como conceito: conjunto de estratégias expressivas que facilitam a compreensão do significado de um símbolo, permitindo sua aproximação aos processos secundários de elaboração (consciência), contribuindo para expansão da estruturação emocional. Vai utilizar-se de estratégias construídas através de atividades que permitam uma elaboração pré-verbal através da transposição de linguagens expressivas, buscando encontrar canal mais facilitado para cada indivíduo, e na pesquisa do material que oferece melhores condições expressivas para configuração de um determinado símbolo. (PHILIPPINI, 2018, p. 18)

O grupo formado por cinco adolescentes, três do sexo feminino e dois do sexo masculino, começou a trazer questões relacionadas às formas que agiam nos grupos sociais, cujos temas tinham a ver com bebidas em baladas, comunicação por redes sociais. Além disso, havia uma preocupação relacionada ao lugar em que iriam frequentar o ensino médio. Os participantes do grupo se conheciam desde muito, por terem estudado juntos desde a infância.

Notei que a busca deles incluía a necessidade de pertença e ao mesmo tempo era expressa uma necessidade de diferenciação. Nas conversas surgiam questões do tipo: “Será possível estarmos com os grupos sem fazermos as mesmas coisas que eles?”, “Como saberemos o que é bom e o que não é pra gente?”.

Configurava-se assim a necessidade do encontro com o Si mesmo, evidenciando toda a demanda que foi apontada anteriormente sobre o universo do adolescente na atualidade.

O processo de individualidade ocorre quando as posições, do “eu” e do “outro” são consideradas, mas para tanto o “eu” precisa se afirmar. Byington pontua que “não podemos entender a relação democrática Eu-Outro sem a participação da consciência individual e coletiva”. (2019, p. 139).

Ao longo de minha trajetória de atendimento a esse grupo, segundo o meu ponto de vista, eles precisavam entrar em contato com seus corações, o grande sábio, pois era lá que suas vozes internas moravam. Então ocorreu-me que o coração é o lugar do compasso, que cada um tem seu próprio ritmo, como numa banda, numa orquestra, em que cada músico toca um instrumento, mas estão todos na mesma toada. A obra se torna única.

Os instrumentos que mais se assemelham ao ritmo do coração são os instrumentos de percussão. Do latim “*percussione*” significa choque de corpos. Quando instrumentos são batidos, agitados, raspados ou friccionados, vibram, emitindo sons ou ruídos. Eles são os mais antigos instrumentos musicais já observados nas civilizações primitivas. Sempre foi usado em festas e celebrações, ritos de todos os tipos e em todas as partes do planeta, sendo que, percebemos particularidades que identificam cada cultura.

A proposta de cada adolescente produzir seu próprio instrumento de percussão começou a se delinear. Experimentando, observando, realizando escolhas, eles poderiam desenvolver uma maior escuta de si mesmos, assim como uma melhor percepção de movimentos, numa conexão com seus sentidos e sentimentos. “Numa” experiência verdadeira, como observa John Dewey (2010).

Nesse tipo de experiência há uma inteireza, os aspectos cognitivos, afetivos e práticos se encontram presentes e conectados. A diferença entre ter experiências e ter “uma” experiência é que enquanto naquela temos dispersão e interrupções devido a não inteireza, nesta nos envolvemos em busca de um fim, há uma intenção no realizar. Esse

envolvimento, essa intenção, possui qualidade estética. (...) É na inteireza da ação que ocorre a experiência... (SANTOS, p. 36, 2006).

O produto dessa experiência, neste caso os instrumentos de percussão e tudo o que eles revelam (movimentos, forma, sons, ritmos), seriam objetos simbólicos que revelariam a essência de cada adolescente. O diálogo com esses instrumentos possibilitaria conhecer-se, identificar-se, empoderar-se de quem são. Ainda citando Dewey (2010), apud Santos (2006), que aponta que os verdadeiros símbolos são aqueles que representam experiências reconhecidas pelo indivíduo.

O compartilhamento do próprio som e a criação de uma nova música, em que todos os sons individuais fizessem parte, teve como objetivo a expressão da essência de cada um e, ao mesmo tempo, do sentimento de pertencimento a algo maior, ao coletivo. A identidade do grupo estaria sendo construída.

Proposta lançada e aceita com entusiasmo! Convidei-os a escolherem latas e tubos de papelão e explorarem objetos como pedras e grãos diferentes, que dentro das latas e tubos, produzissem sons. Depois houve uma exploração de movimentos para que os sons fossem produzidos até que chegassem a um som que mais os agradasse. Feito isso, customizaram as latas e tubos de forma que os sons fossem expressos pela linguagem plástica.

As consignas foram:

- Escolha suas sementes
- Perceba seus movimentos
- Escute seu som
- Escolha seu ritmo



Arquivo da autora



Arquivo da autora



Arquivo da autora



Arquivo da autora



Arquivo da autora

Sugeri que fizéssemos uma roda onde cada um ouviria em profundo silêncio e profundamente conectado com o seu coração, o som produzido individualmente pelo companheiro de grupo. Compartilharam suas impressões ao escutarem o som de cada um. Verbalizaram que o som que escutavam revelava como cada um era.

Uma imagem que fosse associada ao seu próprio som foi solicitada para ser expressa numa mandala e que a partir do símbolo criado escrevessem sobre o que “Minha música é”. A transposição para a linguagem escrita (registro em palavras, frases, poesia, narrativas) permitiu o diálogo com o que foi realizado, ampliando a consciência.

As consignas foram:

- Escute seu som
- Expresse seu som
- O que diz sua música?



Arquivo da autora



Arquivo da autora

Minha música é música da água com as conchas



Arquivo da autora



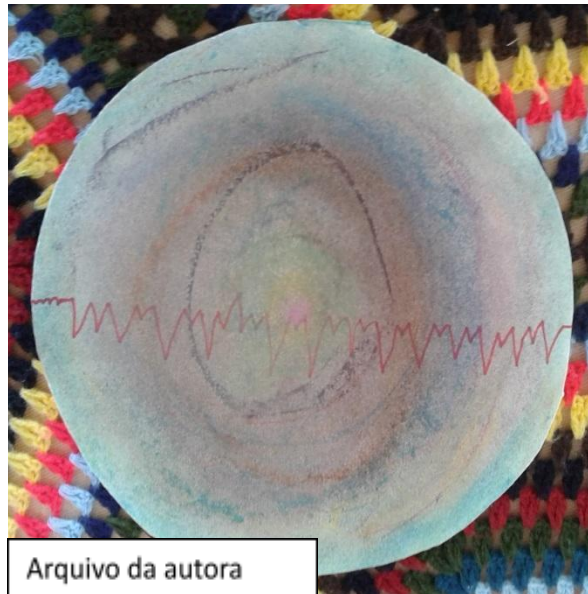
Arquivo da autora

Começa grave e depois fica mais fina na tampa, depois na volta, começa fino e termina grosso.

É uma música que me traz uma sensação de leveza. Me faz sentir como se os problemas sumissem e fosse apenas eu e o momento.



Arquivo da autora



Arquivo da autora

O coração e seus sentimentos

A música que eu toco me traz medo, paz, alegria e tristeza. Também me traz uma sensação de mudanças, transformações.



Arquivo da autora

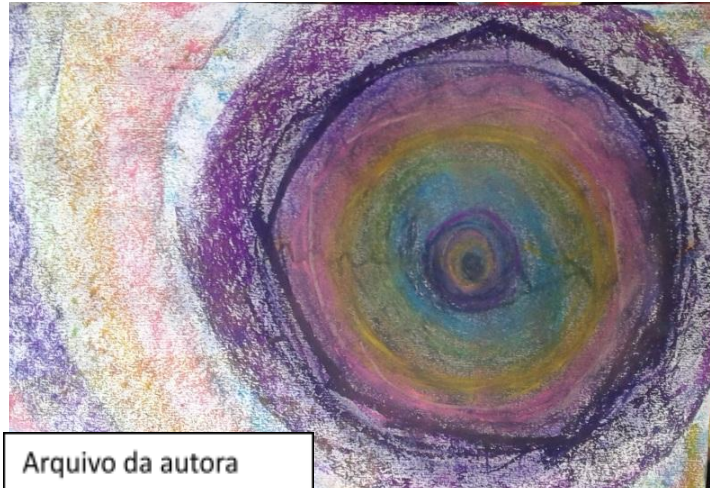


Arquivo da autora

A sensação que meu desenho trouxe é de liberdade, energia boa, coloridos.
 A música que eu toco vem da natureza, da praia, da natureza (floresta), os fenômenos dela. A suavidade e o silêncio da natureza. A sensação é muito boa.



Arquivo da autora



Arquivo da autora

A música que eu toco traz a sensação de compartilhar, dar, expandir, crescer.
 E quando a pessoa recebe ela melhora, transforma.

Para finalizar esse processo, sugeri que criassem uma música do grupo. Eles puderam se ouvir novamente, mas desta vez de forma a incluir cada som numa nova composição. Novas experimentações, novas percepções, novos compartilhamentos. Encontraram um som que identificou o grupo, mas concluindo que cada um pode participar sem perder a sua essência.

Levamos a reflexão feita a partir do processo para as discussões e questionamentos anteriormente trazidos. Eles conseguiram se tranquilizar porque perceberam que poderiam ser eles mesmos, fazendo coisas que consideravam boas para eles, isto é, poderiam levar consigo a sua música, onde quer que estivessem.

Considerações Finais

O contato com eles mesmos só pode ocorrer pela conversa que tiveram com os materiais e com suas expressões. Nesses momentos eles foram se tornando sujeitos da experiência, escolhendo o que iriam utilizar, quais movimentos realizar, quais palavras expressar. Desta forma puderam também se experimentar e se sentir seguros para as próprias escolhas.

Foi emocionante observá-los escutando a si próprios, escutando seus colegas. A escuta foi uma forma de olhar, não somente de ver como em outros contextos, mas de compreender como são e como o outro é em sua manifestação única. Suas vozes internas foram ouvidas.

A identificação de cada um como criador de si mesmos, a partir do criador interior, o Self, e como cada um se coloca no mundo, trazem a identidade. Philippini (2018) aponta que “Cada símbolo produzido no “setting” arteterapêutico poderá ser

compreendido simultaneamente em relação ao seu criador, nas suas ressonâncias subjetivas e biográficas" (p.16).

Em seus depoimentos ficou clara a percepção de que eles eram muito diferentes, mas a música ficou harmônica e necessitou de cada um dos instrumentos. Sentimento de pertencimento foi expresso por cada um deles em seus compartilhamentos orais. A criação da música coletiva os desafiou a buscarem um espaço de expressão genuína dentro do grupo. Poder tocar sua própria música e ser do jeito que é.

A intervenção arteterapêutica viabilizou a construção de subsídios internos para que pudessem desenvolver as suas subjetividades.

Os jovens, a partir desse processo, puderam trazer novos significados ao que viviam. Puderam também vivenciar rituais, junto ao seu grupo, empoderados de si mesmos para seguirem seus caminhos.

Data de recebimento: 14.01.2021

Data de aceite 1º parecerista: 02.05.2021

Data de aceite 2º parecerista: 26.06.2021

Referências bibliográficas

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. **Oficina criativa e psicopedagogia**. São Paulo.

Casa do Psicólogo, 1995.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. IN:

Revista Brasileira de Educação. n.19 Rio de Janeiro, 2002.

BYINGTON, Carlos Amadeu. **Junguiana Revista Latino-Americana Da Sociedade Brasileira De Psicologia Analítica**. Volume 37-1/2019.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

E.C.A. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Versão 2019. Brasília, D.F., 1990.

GRIMBERG, L. P. Jung: **O Homem Criativo**. São Paulo: FTD, 2006.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. 14ª edição. Petrópolis. Vozes, 2013 (obra original publicada em 1934).

LIEVEGOED, Bernard. **Fases da vida**. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1987.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**. Brasília - DF, 2010.

OUTEIRAL, José. **Adolescer – Estudos revisados sobre a adolescência**. Rio de Janeiro: Reinventer, 2003.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

PHILIPPINI, Angela. **Linguagens e materiais expressivos em Arteterapia: uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: WAK, 2018.

SANTOS, Dilaina Paula dos. **Psicopedagogia dos Fantoches: Jogo de imaginar, construir e narrar**. São Paulo: Vetor, 2006.

_____. *Arteterapia e Psicopedagogia: A magia do criar e do aprender*. Em: COLAGRANDE, Cláudia. **Arteterapia para todos**. Rio de Janeiro: WAK, 2015.

VALLADARES – TORRES. Ana Claudia Afonso. **Arteterapia na saúde. Da dor à criatividade**. Coleção Arteterapia Volume 1. Curitiba: CRV, 2021.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

<https://sites.google.com/site/sociologiaemaccao/8-desigualdades-e-identidades-sociais/classes-e-estratos-sociais> **Sociologia da Acção: classes e estratos sociais**

Artigo Relato de Experiência

Luto Cotidiano, Perdas Diárias e Vida Saudável

Everyday Grief, Daily Losses and Healthy Life

Danieli Vidal Vianna Parente¹

Resumo: Essa pesquisa tem por objetivo realizar uma leitura sobre o processo de luto através das perdas cotidianas, do apego e como a vivência adequada deste momento conduz o indivíduo a uma melhora contínua em todas as áreas da vida levando ao bem estar e a reorganização interna e externa. O estudo foi realizado utilizando a metodologia da oficina criativa e psicoterapêutica e por meio de análise do material produzido em cinco encontros que acompanhavam um processo de luto. A pesquisa fundamentou-se nas teorias da psicologia analítica, Arteterapia, luto, astrologia e gerontologia, apoiando a construção das sessões através dos quatro elementos da natureza e utilizando a estratégia de observação dos trabalhos produzidos de maneira mais exploratória buscando a compreensão do comportamento e o ressignificar do mesmo. As evidências apresentaram que as obras realizadas pelos enlutados os conduziram ao enfrentamento, aceitação e superação do luto levando-os a melhora na conduta diante de perdas e assim apontaram a necessidade do aprendizado sobre apego.

Palavras-chave: Luto. Idoso. Arteterapia. Emoção. Bem estar.

¹ Graduada em Marketing (IBMR Rio de Janeiro). Arteterapeuta (AATESP 674/0920). Analista Comportamental (IMX Brasil). Extensão em Psicologia Analítica (Instituto Freedom). Graduanda em Psicologia (UNIP). Atendimento individual ou em grupo. danielivida@gmail.com

Abstract: This research has as its main objective to study the process of grief. It was used in this analysis the daily losses, the attachment to those losses and how people cope that. If the process of grief was lived in a healthy way the person presented a great increase in all aspects of his or her life and that generated an internal and external reorganization. The realization of the study used the Oficina Criativa e Terapêutica methodology and it analyzed the process of grief with the material produced in 5 meetings. The research was based in the following theories: Analytically Psychology's, grief's, Art therapy's and gerontology's theories. These theories helped build the sessions through the four elements and the strategy of observation used in the projects produced in the sessions. The projects were evaluated with the intention to understand the behavior thru grief and the evolution that had occurred. All the evidence indicates that the people involved were able to face, accept and overcome their grief. That generated a better conduct facing the losses and they also understood their necessity to learn about attachment.

Keywords: Grief. Elderly. Art therapy. Emotion. Wellbeing.

Introdução

A Arteterapia é uma abordagem que trabalha com todas as formas de expressão artística, buscando resgatar a dimensão integral do indivíduo e com isso trouxe uma visão diferente sobre o ser humano. O ponderar entre razão e emoção, o não julgamento, despertou sombras, mas promoveu a luz. Na Arteterapia encontramos uma maneira leve e amorosa de olhar para dentro e neste mergulho profundo achar uma saída. Foi a maneira mais nobre e menos doída que muitos

encontraram para entender, aceitar, viver, conversar e se expressar sobre uma das mais difíceis dores do humano, a perda. Com isso podemos perceber que a perda é um pedaço do caminho, mas a aceitação representa sua superação e só pode ser compreendida na totalidade quando o luto é vivenciado de maneira completa. Esse é o ponto de partida e tornou-se o pensamento central deste estudo. Com a aplicação do processo arteterapêutico, pode-se obter um olhar diferenciado sobre o estudar e entender o luto e como o ser humano trata esse assunto. A maneira como cada pessoa se comporta diante de uma perda, independente de qual perda se apresente, revela bastante sobre suas crenças, valores, formação moral, idade, entre outros aspectos. O estudo não se baseia apenas no luto com referência à morte física, de um ente querido, de uma pessoa. A real intenção é a observação sobre as perdas diárias e a formação da consciência através do luto, trazendo uma vivência saudável sobre o acontecido. A este luto demos o título, luto cotidiano e como exemplo temos a perda de um emprego, uma transição de carreira forçada, uma perda financeira inesperada, uma mudança de habitação sem escolha, um afastamento de alguém querido, um divórcio, reprovação no vestibular ou escola, entre outros.

A vida cotidiana e a corrida das grandes metrópoles, a exigência em fazer mais coisas em menos tempo, a visão contemporânea pela busca da felicidade em tempo integral são fatores determinantes para que o indivíduo negligencie a vivência das perdas e a formação do luto.

Aprender a vivenciar as experiências da perda de forma adequada, dando atenção ao que sente, como se comporta, como age e como reage, permite fortalecer o indivíduo em sua totalidade.

É através dessa vivência diária que se constrói ou destrói, enfraquece ou fortalece, que conduz ao protagonismo da própria história ou nos torna apenas espectadores da própria existência.

O luto vivenciado em todas as suas etapas é uma maneira organizada de superar as perdas para o ser humano. Tudo irá depender do peso que o protagonista da história der à perda vivida e a forma como conduz esta vivência.

Quando levantamos o tema luto para uma discussão inevitavelmente projetamos a perda de alguém, a morte física de alguma pessoa e para isso temos muitos livros, trabalhos científicos, muitas teses e muito material para estudo. Mas quando falamos do luto cotidiano não temos quantidade significativa de material disponível.

Para ajudar no embasamento e na discussão levantada sobre o tema luto, buscamos os estudiosos Elizabeth Kübler e John Bowlby. Eles nos proporcionam, através de estudos, um entendimento sobre as fases enfrentadas neste período, o que nos auxilia na condução do grupo em observação.

O trabalho foi realizado em um “grupo de convivência da terceira idade” que tem como objetivo a promoção e prevenção à saúde, integração e convivência do Idoso.

Tratou-se de um grupo com 35 idosos inscritos, também acolhendo, quando necessário, os idosos acompanhantes de algum paciente internado no hospital. Com isso, aconteceram variações no número de participantes, com uma média aritmética de 15 idosos por sessão. Foram aposentados e/ou pensionistas, entre homens e mulheres com divisão homogêneo entre os gêneros. Os participantes

estavam entre a faixa etária de 60 a 94 anos, todos com vida ativa e saudável dentro dos padrões para a terceira idade.

As sessões foram planejadas dentro do método de Oficina Criativa de Allessandrini (1996), que se divide em sensibilização, expressão livre, elaboração da expressão, transposição da linguagem e avaliação. Cada sessão semanal teve o tempo programado de duas horas e foram realizadas na sala do grupo de convivência da terceira idade.

A pesquisa foi realizada através de um recorte do processo de estágio da pós-graduação em Arteterapia que contou com o total de 32 encontros e aconteceram entre março de 2019 a março de 2020. Observando o comportamento do grupo durante as sessões e acompanhando os acontecimentos, surgiu a necessidade de falarmos sobre o tema deste artigo quando, de forma repentina, foi comunicada a dispensa da pessoa responsável pelo departamento que cuida do grupo em questão. A cuidadora encontrava-se na liderança das atividades desde a fundação deste departamento.

Todas as abordagens usadas nas sessões foram pautadas em atividades arteterapêuticas que envolviam os quatro elementos da natureza e seu simbolismo. Cada elemento foi trabalhado em uma sessão separadamente além de ser conciliado com as fases do luto em decorrência da perda vivida pelo grupo. Todo o processo foi baseado na experiência vivida.

Através do olhar terapêutico impresso neste trabalho por meio da observação do comportamento dos enlutados esperamos poder abrir discussões a respeito dos assuntos abordados bem como contribuir para o desenvolvimento de novos conhecimentos no campo da Arteterapia.

São encontros com a sombra, com momentos da vida nem sempre fáceis de serem encarados. Encontros que promovem a mudança, que aceitam a morte daquilo que não tem mais sentido, que incomoda. Encontros com a morte criativa e libertadora, com o si mesmo de cada ser. (FABIETTI, 2015, p.87)

Apego: Teoria e Vivência no Grupo

Quando falamos de perdas, vínculos, apego e luto nos vem à mente várias áreas da ciência e suas ramificações que podem tratar ou curar esses acontecimentos. Contudo é necessário buscar o entendimento sobre cada uma dessas características que, vividas de maneira inadequada, formam uma bomba relógio na psique e quando detonada, às vezes sem motivo aparente, causam estragos no dono da psique e no mundo que o cerca, deixando lacunas abertas e gerando uma onda crescente de sofrimento.

É durante os primeiros anos de vida do ser humano, mais específico da primeira à terceira infância que acontece a formação dos processos mentais. As emoções são como uma janela social que ditam de maneira subliminar como iremos reagir ao mundo, como será a relação com o meio, com ou outros. Neste período da vida acontece o processo de vínculo e o desenvolver do apego em suas várias formas.

Sabe ainda que não sentimos amor e nem pesar por um ser humano *qualquer*, mas apenas por um ou alguns seres humanos em particular. O núcleo daquilo que eu chamo de “vínculo afetivo” é a atração que um *indivíduo* sente por outro *indivíduo*. (BOWLBY, 2015, p. 95)

A teoria do apego propõe que a segurança deste elemento influencia a competência emocional, social e cognitiva da criança. Dependendo da qualidade vivida neste processo, pode-se gerar adultos inseguros, que não enfrentam as perdas diárias e não desenvolvem a capacidade de vivenciá-las, levando ao acúmulo de emoções e ao sofrimento do não enfrentamento. Todo esse processo de

construção leva o indivíduo a negligenciar a vivência saudável de suas perdas, o não enfrentamento do luto e alimentar vínculos afetivos inadequados aos relacionamentos saudáveis.

Aceitar a perda tem uma função vital na nossa vida que continua. (...) Sem a certeza do fim, sem a certeza de que algo acabou, é difícil partir para outro projeto, para outra relação, para outro emprego. Ficamos presos em um limbo do “deveria”, do “poderia” (...) Esse “intervalo” é o que mais tememos na vida, e do que mais fugimos. (ARANTES, 2019, p. 157)

Pode ser observado nos participantes do grupo, desde o primeiro encontro, que o comportamento egoísta, de apego e as dificuldades de aceitação frente às mudanças eram características expressivas, sendo notadas tanto no âmbito individual como no coletivo. Os idosos mantinham um padrão de comportamento buscando os mesmos locais para se sentarem durante as sessões, apresentavam dificuldades na hora da divisão dos materiais para a execução das atividades, falta de comprometimento com o outro além da formação de subgrupos gerando desconforto nas atividades coletivas.

Apresentavam dificuldades de expressar suas emoções verbalmente no coletivo, filtrando as falas, mas transbordando-as em seus comportamentos.

Todos esses comportamentos observados foram transformados em materiais para a criação e planejamento das seções.

O surgimento da perda e o luto instalado

O grupo apresentava como principal responsável uma militar da reserva que entrou no quadro complementar do hospital e atua como responsável pelo projeto da terceira idade há mais de 11 anos.

Ao iniciar as sessões foi observado uma interdependência do grupo com essa pessoa. A relação entre eles ultrapassava a esfera profissional, entrando na esfera íntima, familiar e pessoal.

A figura da pessoa responsável pelo grupo inicialmente representava a cuidadora. Com o passar do tempo sua conduta diante do grupo foi mudando e se transformando na representação da segurança, proteção, acolhimento, justiça. Configurando para o grupo a imagem maternal. Ela se colocava neste papel de maneira inconsciente, gerando um vínculo afetivo equivocado para a posição que ocupava. O pessoal e o profissional encontravam-se arraigados a ponto de o grupo ser a condução de expressão da sua existência. A simbologia da mãe protetora é constelada na figura desta cuidadora, tanto para ela como para o grupo.

As primeiras sessões foram bastante produtivas e com integração consistente entre terapeuta, idosos e cuidadora. Alguns meses depois, foi comunicado ao grupo sobre a saída da cuidadora, a exoneração do cargo e o encerramento do contrato com a Aeronáutica, trazendo desequilíbrio e instabilidade sobre todos.

A situação supra mencionada fez emergir nos participantes conflitos intrapsíquicos e interpessoais, complexos e sombras. Neste momento, para o grupo, nada mais importava além de tentar salvar, mesmo diante do impossível, o cargo da cuidadora.

A comparação entre os conflitos intrapsíquicos e os conflitos interpessoais não é apenas uma analogia, porque, como observa Jung, nossos conflitos com outras pessoas (e, por falar, nisso, com animais e objetos) são quase sempre, ou mesmo sempre, projeção de conflitos no interior de nossa própria personalidade. (HALL; NORDBY, 2014, p.60)

Pode ser observado nos participantes que diante da notícia o sentimento de consternação foi instalado, a sensação de perda foi unânime, o vazio emocional declarado, o pesar e o luto foram estabelecidos.

Passar pelo luto exige da psique humana a vivência de cada etapa desse processo, superação das mesmas e o olhar carinhoso e saudável para vivenciar o novo.

O Processo de luto e a Arteterapia

O luto é entendido pelos estudiosos como um processo que agrupa uma série de reações diante de uma perda. Essas reações serão geradas mediante a importância que a perda tem para o enlutado. A vivência do luto é individual e sua experiência única para cada indivíduo.

Quando o indivíduo realiza a vivência do processo de luto em sua totalidade, a psique encontra uma nova maneira de encarar a perda, ressignificando os laços dos vínculos com o objeto perdido.

Segundo Bowlby (2015), o processo de luto contempla quatro fases. Primeira fase denominada fase de torpor, segunda fase da saudade e busca da figura perdida, terceira fase desorganização e desespero e pôr fim a quarta fase de maior ou menor grau de organização. Já Kübler-Ross (2017) divide o estágio de perdas em cinco fases, negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

Podemos dizer que a fase de desorganização e desespero contém características bastante semelhantes às fases da raiva e barganha.

Nesse artigo iremos seguir a conduta de estudos sobre as fases do luto segundo Bowlby sem desconsiderar a importância dos estudos de Kübler-Ross.

A vivência de cada fase e sua superação conduzem o enlutado ao fechamento do ciclo, cria uma memória saudável em sua psique levando ao amadurecimento de sua conduta diante de possíveis perdas. Toda essa engrenagem, que busca trazer o indivíduo ao equilíbrio do seu ser, foi transcrita de maneira teórica em quatro fases do luto, levando-nos ao encontro dos quatro elementos da natureza.

Todos os seres possuem em si os quatro elementos em suas polaridades e com isso a necessidade do equilíbrio entre eles.

Segundo Arroyo (2013), os elementos são divididos em dois grupos, sendo fogo e ar como ativos e água e terra como passivos.

Através dos estudos, realizados por Jung no decorrer da sua obra, constata a existência de inúmeras diferenças individuais na psique humana, entre elas a diferença de tipos que são tratadas em suas obras como introvertido e extrovertido e as funções básicas que são pensamento, sentimento, sensação e introversão. Essas serão consideradas no estudo junto com os elementos da natureza.

FASE 1: FOGO X TORPOR

O primeiro estágio do luto foi intitulado “fase de torpor” ou mais popularmente conhecida como fase do choque. Nesta fase o enlutado vive uma sensação de entorpecimento diante da notícia, não existe a consciência da perda de maneira concreta e pode ser acompanhada de tensão, pânico, acessos de tristeza e ou raiva, ambos extremamente intensos.

É importante distinguir situações que causam tristeza e notar que, embora muitas vezes não seja possível resolvê-las, em geral, podemos fazer algo para nos sentir melhor a respeito, desenvolvendo estratégias de enfrentamento. (NORGREN, 2017, p.95)

Nesta primeira fase, o grupo apresentou momentos intensos de raiva seguido de tristeza profunda e quando questionados, o sentimento que emergiu desta catarse foi o abandono.

Para trabalharmos o abandono foi realizado a oficina *Mandalas de velas*, utilizando o elemento fogo para transmutar, dar novo significado ao sentimento, evitando que ele se constelasse e para que esta fase fosse superada de maneira saudável.

O elemento fogo representa a função psicológica intuição, apresenta entre suas características a crença individual, o arquétipo do sábio, trabalha as emoções ardentes, ilumina aspectos sombrios, regenera, transforma, mostra possibilidades.

Esse elemento fogo foi relacionado por C. G. Jung, com o núcleo dinâmico da energia da psíquica, aquela energia que flui espontaneamente, de maneira inspirada e automotivada. (ARROYO, 2013, p.148)

Com a oficina trabalhamos o auto cuidado, auto proteção, o positivo, mostrando que o acolhimento esperado pelo grupo estava dentro de cada um. O abandono simbolicamente foi dissolvido com o derreter da vela e com o objeto formado com a cera, também simbolicamente, fortalecemos o auto acolhimento, dando ao grupo a autonomia de proteção.



IMAGEM 1 e 2 – Oficina Mandalas de velas

FASE 2: ÁGUA X SAUDADE

No segundo estágio o enlutado entra na fase da saudade e busca da figura perdida. Neste momento instala-se a busca pelo objeto perdido, às vezes consciente, às vezes não. Independentemente de como a pessoa se relacione com este impulso, ela se enxerga coagida a realizar essa busca. De maneira passiva, o enlutado vê tudo que acontece ao seu redor como uma ponte entre ele e a existência do objeto perdido.

Nesta fase de saudade intensa, o grupo apresentou a preocupação e o medo que com a distância física apagasse os laços construídos entre eles e a comandante. Com isso, foi escolhido para trabalhar nesta fase a oficina *Aquarelas dos pássaros*, baseado no conto A menina e o pássaro encantado (Alves, 2018), utilizando o elemento água.

A oficina teve início com a leitura citada acima e ao fim da história foram entregues quatro figuras diferentes de pássaros, com livre escolha entre elas, para pintar com aquarela. A escolha desse material foi proposital já que apresenta como característica a fluidez, sem tirar a beleza das cores. Fluidez e liberdade se mostravam características necessárias para a vivência do grupo nesta fase.

O elemento água representa a função psicológica sentimento, nos leva ao encontro do campo emocional, aos sentimentos e emoções, às origens. Nos remete a fonte de toda a vida, nos mostra flexibilidade, fluidez, adaptabilidade, nos permeia e nos faz sentir, traz consigo o arquétipo do curador e trabalha em nossa psique o feminino.

Para terminar, o elemento água tem correspondência com o processo de ganhar consciência através de uma lenta, porém segura percepção dos anseios mais profundos da alma. (ARROYO, 2013, p.153)

Com a leitura do conto foi trabalhado o entendimento racional e consciente da importância da liberdade dentro das relações e o entendimento que o distanciamento físico não rompia os laços construídos. Já com a pintura dos desenhos pode ser trabalhado o entendimento irracional e inconsciente da liberdade dentro dos relacionamentos.

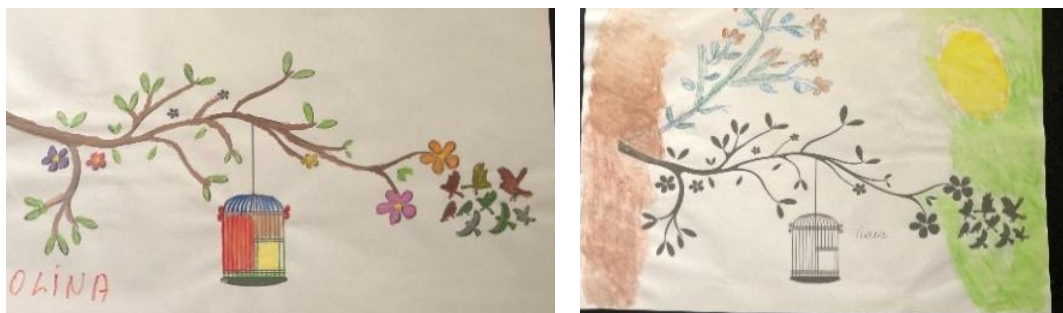


IMAGEM 1 e 2 – Oficina Aquarela dos pássaros

FASE 3: AR X DESORGANIZAÇÃO E DESESPERO

O terceiro estágio intitulado desorganização e desespero, o enlutado deixa de lado a fantasia e fica diante da realidade da ausência do objeto e a sensação de vazio toma proporções em sua psique quase insuportáveis. A dor e tristeza se instalam e nem a imaginação consegue reduzi-las, conduz a uma crise existencial de como será a vida sem o objeto. Esse estado leva a reflexão de que é necessário a aceitação e ao questionamento de como será a vida de agora em diante.

Com todo esse turbilhão de emoções instaladas é normal que exista o isolamento, o cansaço e a dificuldade de enxergar uma nova vida sem o objeto.

O grupo apresentou uma dispersão durante a semana anterior e no dia da sessão tivemos poucos participantes os quais se apresentaram tristes e aprisionados ao pensamento do não entendimento de como seriam os dias com a ausência da cuidadora. Alguns idosos apresentaram a vontade de parar de frequentar o grupo.

Como todo esse material produzido e com a necessidade de trabalhar a entrada da nova pessoa responsável foi escolhido o elemento ar para auxiliar nesta fase.

Era necessário ativar o pensamento dos idosos para que pudessem dar início a duas aceitações: a vida sem a antiga cuidadora e a vida com a nova cuidadora.

O elemento ar representa a função psicológica pensamento, nos leva ao encontro do campo mental, aos pensamentos, a razão, ao intelecto, nos ajuda na comunicação, na linguagem e no aprendizado, conduz a expansão e a coordenação de ideias. Nos ajuda a entender o que pensamos a respeito de algo e carrega em sua totalidade o arquétipo do mestre.

O domínio do ar é o mundo das ideias arquetípicas, que estão atrás do véu físico, da energia cósmica convertida em padrões de pensamento específicos. Está associado as linhas geométricas de força que funcionam através da mente, à energia que modela os padrões das coisas que virão. (ARROYO, 2013, p. 149)

Nesta sessão continuamos a trabalhar com o livro “A menina e o pássaro encantado” de Rubens Alves e escolhemos a oficina *Dança dos lenços e cores*.

Acompanhando a história do livro, foram entregues aos participantes grandes lenços coloridos de seda. Com música de relaxamento, foi proposto uma dança com os lenços, iniciando individualmente, depois com os lenços unidos formando uma única engrenagem, mas que dependia do bom funcionamento de cada participante

para funcionar. Todo este processo teve como objetivo levá-los ao encontro de seus pensamentos através da leveza do ar, desfazer o conceito estabelecido por eles de não ver futuro para o grupo sem a antiga cuidadora, a aceitação da beleza do deixar livre, o encontro com a verdadeira razão pela qual cada participante frequentava o grupo, a leveza do ir e voltar.

Um conceito pode desviar ou limitar as novas observações de tal forma que passamos a ver coisas que *não existem* ou deixamos de ver coisas que *existem*. (HALL; NORDBY, 2014, p.24)



IMAGEM 1 e 2 – Oficina Dança dos lenços e cores

FASE 4: TERRA X REORGANIZAÇÃO

No estágio ou fase quatro denominada fase de maior ou menor grau de reorganização ou fase da aceitação, o enlutado aceita a perda e compreende a necessidade de continuar a viver e reconstruir sua vida. Geralmente vive uma redução da dor e do recolhimento exercida pela perda, tornando um fator relevante para o auxílio na reorganização das ideias e pensamentos. Geralmente, nesta fase, existe a necessidade de fazer adaptações em sua vida prática e cotidiana.

Não se trata de um momento feliz, porém comparada às outras etapas do luto podemos descrever esta fase como a melhor entre todas, por ter as dores, as emoções ruins e o cansaço bastante reduzidos.

Pode ser observada no grupo a redução da tensão e a abertura para o novo. O entendimento sobre a troca do comando foi instalado e a aceitação da nova cuidadora foi apresentada por eles. Também expressaram a vontade de organizar melhor a saída da anterior e a entrada da nova cuidadora e para este momento de recomeço trabalhamos o elemento restante, mas não menos importante: terra, a mãe terra.

O elemento terra tem em seu DNA o arquétipo do guerreiro e a função psicológica sensação, atuante no campo físico. Possui características como acolhimento e nutrição, base e suporte para o crescimento do novo, da vida, estabilidade, segurança, percepção da realidade, nos coloca em um posicionamento existencial. É um elemento que nos proporciona a criação e construção tridimensional de objetos.

O elemento terra tende a ser cauteloso, premeditado, bastante convencional e invulgarmente fidedigno. (ARROYO, 2013, p.154)

Nesta sessão foi trabalhada a oficina *Moldando sentimento e pensamentos*. Para tal usamos como material base a argila.

Ao iniciarmos a sessão os participantes conseguiram, através da fala, expressar um pouco de como cada um se sentia. Surgiram sentimentos como gratidão, saudade, expectativa do novo e esperança. Foi entregue a cada participante do grupo um pedaço de argila que coubesse em suas mãos, com a orientação de manusearem de várias maneiras a argila e usarem os movimentos para materializar seus sentimentos. Que eles permitissem se entregar à sensação do barro, da mãe terra, que pudessem expressar através desta criação concreta o que se encontrava dentro de cada um, os sentimentos ainda não falados.

Ao manusear a argila e formar uma peça final, os enlutados conseguiram ir ao encontro de algumas sensações como realização, entrega e acolhimento permitindo assim liberar as emoções retidas. Ao término desta sessão todos apresentavam em seus rostos um sorriso e quando questionados, verbalizaram seus sentimentos com palavras como, realização, recomeço, nova história, gratidão, acolhimento, respeito, saúde.

Conteúdos muito fortes podem emergir. Com o manuseio, essa massa se transforma conforme a pressão exercida a partir do gesto. Esse movimento, esse contato pode desencadear uma resposta, uma reação que tanto pode ser afetiva, quanto agressiva e repulsiva. (FABIETTI, 2015, p. 50)



IMAGEM 1 e 2 – Oficina Moldando sentimentos

DE ONDE PARTIMOS E ONDE CHEGAMOS

A partir do nascimento estamos expostos ao processo de aprendizagem sobre apego, perda, vínculos entre muitos outros. O aprendizado saudável diante dessas possibilidades infinitas, nos conduzem ao futuro de nossa psique, podemos até mesmo dizer que nos condenam a comportamentos futuros.

A psique abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamento, tanto os conscientes como os inconscientes. (HALL; NORDBY, 2014, p.25)

Quando o apego é vivenciado de maneira distorcida, passamos a apresentar comportamentos de desconfiança, insegurança, que vão nos acompanhar durante nosso crescimento, vida adulta e algumas vezes até a morte. Todo esse processo conduz o indivíduo ao não reconhecimento de vínculos afetivos.

Os vínculos afetivos e os estados subjetivos de forte emoção tendem a correr juntos, como sabem todos os romancistas e autores teatrais. Assim, muitas das mais intensas emoções humanas surgem durante a formação, manutenção, rompimento e renovação de vínculos emocionais. (BOWLBY, 2015, p.98)

Com o passar do tempo esses comportamentos vão se cristalizando em nossa psique e nos atormentam na figura de alguns complexos e algumas sombras. Somos tomados e passamos a aceitá-los como os verdadeiros condutores do nosso querer.

Durante as sessões, as experiências vividas com o grupo, pode ser observado o apego em muitas situações, também a falta de vínculos emocionais saudáveis.

Quando todo o processo de mudança da cuidadora foi estabelecido e foi conseguido observar o iniciar de um luto grupal, várias emoções foram sendo liberadas e os materiais usados durante o processo nos ajudaram a concretização delas.

Nesses 4 encontros, o trabalho durante as sessões, em conjunto com os elementos da natureza e o material adequado para cada fase do luto, conduziu os idosos, de maneira inconsciente, a liberar suas emoções reprimidas. Enquanto estavam no processo de criação foi observado que muitos dos idosos falavam sobre suas dificuldades na infância e faziam comparativos com o que estavam sentindo

naquele momento. Esses relatos nos fazem considerar que o comportamento e os sentimentos vinham cristalizados desde a infância.

(...)Sob um aspecto, a velhice assemelha-se à infância; a pessoa submerge no inconsciente e não vacila em considerar o problema de uma vida futura que assoma à consciência; o indivíduo idoso mergulha no inconsciente e finalmente nele se dissolve. (HALL; NORDBY, 2014, p. 82)

Durante as intervenções de Arteterapia, na medida em que tinham contato com as oficinas e os materiais, os enlutados se entregavam ao fortalecimento do ego, gerando um ambiente mais adequado e seguro. Com isso, criando condições psíquicas do enfrentamento de suas sombras e complexos.

(...) O professor Jung mostrou que a sombra projetada pela mente consciente do indivíduo contém os aspectos ocultos, reprimidos e negativos (ou nefandos) da sua personalidade. Mas essa sombra não é apenas o símbolo universal do ego consciente. Assim como o ego possui comportamentos desfavoráveis e destrutivos, a sombra possui algumas boas qualidades – instintos normais e impulsos criadores. Na verdade, o ego e a sombra, apesar de separados, são tão indissolúvelmente ligados um ao outro quanto o sentimento e o pensamento. (JUNG, 2016, p.152)

Pode ser observado que, no início do processo, existia uma grande tendência por parte dos idosos em prestar mais atenção no senso estético sobre o material produzido, gerando preocupação no resultado e não deixando a entrega acontecer. Com isso, ao iniciarmos cada sessão, era necessário fazer uma atividade de relaxamento, respiração e concentração para que pudéssemos aterrizar buscando entregá-los maior consciência para vivenciar a atividade proposta. Depois deste aquecimento, tínhamos uma entrega ao processo de criação.

Abordagens terapêuticas diversas preconizam em suas práticas: respiração adequada, consciência e relaxamento corporal, meditação, imaginação ativa, etc. para auxiliarem na saída de estados ordinários de concentração e facilitarem o mergulho em níveis psíquicos mais profundos. (PHILIPPINI, 2013, p.67)

Na segunda parte das sessões, os idosos mergulhavam, junto com os materiais, no momento criativo, na entrega total, corpo, mente e material tornam-se

apenas um e a verdadeira magia da Arteterapia acontece. A concretude das emoções e sentimentos acontecem através dos trabalhos e os materiais simbólicos da psique são externados. Cria-se uma ponte entre consciente e inconsciente e neste ambiente seguro o indivíduo inicia uma compreensão melhor de si mesmo.

No contexto simbólico, cada participante foi desbravando sua psique, se conhecendo, foi uma jornada íntima e coletiva ao mesmo tempo. Íntima porque era necessário que cada indivíduo compreendesse a si para que depois olhasse para o problema coletivo. Quando um dos participantes dividia um *insight* seu, o coletivo era presenteado com este material, geravam discussões, levando o grupo a reflexão importantes para o enfrentamento da situação. O amadurecimento do grupo foi acontecendo durante o desenrolar das sessões. Cada experiência vivida individualmente pelos idosos tornaram-se um marco no caminho pessoal da individuação.

A individuação, conforme descrita por Jung, é um processo através do qual o ser humano evolui de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação, o que implica uma ampliação da consciência. Através desse processo, o indivíduo identifica-se menos com as condutas e valores encorajados pelo meio no qual se encontra e mais com as orientações emanadas do si mesmo. (SANTESSO, 2015, p.35)

A Arteterapia juntamente com o trabalho consciente e ético do arteterapeuta, criou uma ambientação segura para que o indivíduo pudesse iniciar um caminho de encontro e enfrentamento. Principalmente por estarmos tratando um tema sensível e muito mitigado pela sociedade.

A Arteterapia permitiu a quebra das couraças e a libertação do potencial criativo, aumentando a autoconfiança e a segurança, estimulando a expressividade. Possibilitou o conhecimento de características singulares de cada indivíduo, favorecendo o processo de desenvolvimento de sua personalidade. (MANSO (org.), 2014, p.160)

Falar de luto dentro da nossa sociedade ocidental tornou-se desafiador. Estamos na era da felicidade instantânea, do amor conquistado com um click, dos sorrisos congelados e de inúmeras técnicas que levam à plenitude. A felicidade deixou de ser um caminho de construção e tornou-se um produto de consumo. Sendo assim, falar de qualquer assunto que possa provocar dor, desconforto ou enfrentamento interno, situações levantadas quando falamos sobre luto, tornou-se um tabu, quase uma proibição do inconsciente coletivo e o assunto não encontra campo fértil para tal provocação.

Sendo assim, encontramos uma demanda crescente de novas formas de trabalhar este tema e a Arteterapia se aplica de maneira assertiva. É através do belo e do lúdico encontrado em todas as formas de arte que podemos acessar estes materiais psíquicos de maneira menos invasiva e mais confortável para todos os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange ao fato da Arteterapia ter ajudado o grupo a enfrentar e superar o processo do luto e a aceitação da nova cuidadora podemos afirmar que o objetivo foi atingido em sua totalidade.

Iniciamos as sessões sem assiduidade dos participantes e com muitos deles apresentavam o desejo de deixar o grupo. Na medida que as sessões aconteciam os idosos passavam a voltar a frequentar e no dia de recepcionar a nova cuidadora todos os participantes inscritos compareceram ao café da manhã. A realidade do grupo passou a ser a assiduidade e presença da maioria dos idosos ativos.

Foi através do desenvolvimento do processo de criação e das várias formas de arte utilizadas para as atividades apresentadas neste artigo que os idosos conseguiram se expressar sem que a consciência os conduzisse e filtrasse, liberando materiais psíquicos valiosos que antes não encontravam espaço de apresentação na fala.

De todas as atividades realizadas pelo grupo de idosos, a que eles apresentaram maior resistência e dificuldade em executar foi a atividade com aquarela, não pela dificuldade com o material em si, mas pela resistência em aceitar a falta de controle sobre a água no papel. Isso nos leva a considerar que ao envelhecer desenvolvemos resistência a mudanças, sendo esse um ponto relevante para novos estudos.

Durante todo o percurso deste processo de luto, foram realizadas trocas substanciais de conhecimento, ensinamentos e aprendizados entre os participantes. O arteterapeuta ganha com este trabalho realizado a oportunidade de desenvolvimento tanto profissional como pessoal.

Por fim, concluímos que a Arteterapia apresenta ferramentas de grande valia para a construção do sujeito em sua totalidade, que existe uma longa estrada a ser percorrida por esta recente área do conhecimento e que novos estudos comprobatórios se fazem necessários para ampliar o cuidado humano.

Data de recebimento: 15.02.2021
Data de aceite 1º parecerista: 23.06.2021
Data de aceite 2º parecerista: 03.07.2021

Referências

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. **Oficina criativa e psicopedagogia**. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ALVES, Rubens. **A menina e o pássaro encantado**. Americana: Adonis, 2018.

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena ser vivido**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ARROYO, Stephen. **Astrologia, psicologia e os quatro elementos**: uma abordagem astrológica ao nível da energia e seu uso nas artes de aconselhar e orientar. 2 ed. São Paulo: Pensamento, 2013.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015.

FABIETTI, Deolinda M. C. **Arteterapia e Envelhecimento**. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

HALL, Calvin S.; NORDBY, Vernon. **Introdução a psicologia analítica**. São Paulo: Cultrix, 2014

JUNG, C. G. **O Homem e seus símbolos**. 3 ed. especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. 10 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MANSO, Glícia (org.). **Intervenções Clínicas com Arteterapia**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014

NORGREN, Maria de Betânia Paes. **Arteterapia, Promoção de Saúde e Aprendizagem Socioemocional**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017

PHILIPPINI, Angela. **Para Entender Arteterapia**: Cartografias da Coragem. 5 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

SANTESSO, Wilma Antônia Nubiato. **Técnicas de Oficinas Expressivas**: A arte como forma de ressignificação. São Paulo: 2015.

Artigo Relato de Experiência

Benefícios da Arteterapia para criança com Transtorno do Espectro Autista

Benefits of ArtTherapy for children with Autism Spectrum Disorder

Sandra Erica S. Penha¹

Resumo: A aplicação de procedimentos arteterapêuticos junto a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é algo ainda novo no panorama dos cuidados integrados de saúde. Nosso trabalho de campo, fundamentado em medicina, psicologia e artes, tem mostrado que a Arteterapia contribui na amenização dos sintomas do TEA, proporcionando a esse público e seus cuidadores uma melhor qualidade de vida. Nossa pesquisa, de abordagem qualitativa, explora vivências arteterapêuticas realizadas tanto em ambiente clínico e educacional quanto em praças públicas, no período de 10 meses, aplicadas a um grupo de três crianças do sexo masculino, mas, para efeitos de relato científico, este artigo está concentrado no estudo de caso dessas atividades com um menino de 11 anos de idade, diagnosticado ao longo do processo com TEA, nível 1. Os resultados permitem concluir que a Arteterapia promove a inclusão de pessoas com TEA e favorece o aumento das capacidades sensoriais, comunicativas, sociais, simbólicas, motoras, criativas e comportamentais.

Palavras-Chave: Arteterapia. Arte. Autismo. TEA.

Abstract: The use of Art Therapy techniques with children with Autism Spectrum Disorder (ASD) is still recent in the integrated healthcare landscape. Our field

¹ Arteterapeuta (AATESP 496/0319) e pedagoga, pós-graduada em psicologia e TEA e em educação especial e psicopedagogia clínica e institucional. Autora do livro Ícaro: o voo do menino autista nas asas da Arteterapia. Contato: sandraericapenha@gmail.com e www.Arteterapiaeautismo.com.br

research, grounded on medicine, psychology, and arts, has shown that Art Therapy helps mitigate ASD symptoms, providing this public and their caregivers with a better living situation. Our research is qualitative and explores experiences of Art Therapy performed both in clinical and educational environments and public spaces, for ten months, with a group of three children of the male gender. However, as a scientific report, this paper focuses on the case study of those experiences with an eleven-year-old boy, who was diagnosed with ASD level 1 along the process. The results enable us to conclude that Art Therapy fosters the inclusion of people with ASD and increases of sensorial, communicative, social, symbolic, motor, creative, and behavioral capabilities.

Keywords: Art Therapy. Art. Autism. ASD.

Introdução

Embora o autismo, substituído por TEA (Transtorno do Espectro Autista), após a publicação da quinta revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V – 2013), não seja uma descoberta recente, tem ocasionado interesse, curiosidade e preocupação devido ao crescente número de casos.

O Centro de Controle e Prevenção de Doenças - CDC (*Centers for Disease Control and Prevention*), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, divulgou em março de 2020 a prevalência do TEA nos Estados Unidos de 1 caso em cada 54

crianças com 8 anos de idade. No entanto, no Brasil não há números exatos, pois há poucos estudos clínico-científicos que possam validar essas ocorrências.

A prevalência do TEA tem aumentado ao longo dos anos. Ganhando visibilidade na mídia em geral, podemos inferir, hoje, que a maioria das pessoas conhece alguém cuja vida foi abalada por essa condição. Mas o que é TEA e como a Arteterapia pode ajudar em seu tratamento? O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, que segundo Falaschi (2019), caracteriza-se por déficit na interação social e comunicação e por comportamentos e interesses restritos e repetitivos.

Crianças com TEA frequentemente podem apresentar problemas de comunicação, comportamento, estereotípias e/ou condutas estereotipadas, desorganização sensorial, interação social e de uso da imaginação, entre outros.

Diante desse quadro, levantamos a hipótese de que a Arteterapia pode ser proposta como uma possibilidade terapêutica no acompanhamento e tratamento de crianças com TEA. Partimos, para tanto, das propostas de Valladares (2003), segundo a qual a Arteterapia apresenta-se como meio de expressão e criação que contribui de maneira natural no desenvolvimento da criança, propondo melhorar a sua qualidade de vida através da promoção, prevenção e expansão da saúde.

Avançando em nossa revisão bibliográfica, encontramos Durrani (2019), propondo que um dos campos de atuação da Arteterapia é o tratamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista, isso por conta da natureza multissensorial e do aspecto relacional da criação artística contextualizada por profissionais habilitados.

Considerando que a Arteterapia contribui no desenvolvimento de habilidades e que facilita a comunicação não só com relação à língua falada, mas também

acerca de diferentes formas, sem que a verbalização seja necessária, este estudo tem como objetivo fazer um levantamento dos efeitos benéficos da Arteterapia a partir de uma reflexão teórica e do ciclo de vivências arteterapêuticas realizadas em ambiente clínico e educacional junto a uma criança com o Transtorno do Espectro Autista, em município de médio porte do Estado de São Paulo.

Falando sobre TEA

O termo autismo é originário da palavra grega autos, que significa de si mesmo. De acordo com Orrú (2012), é um termo empregado pela psiquiatria para nomear comportamentos humanos reunidos ao redor de si mesmo.

A palavra autismo foi utilizada em 1911 por Bleuler, na Suíça, para descrever sintomas da esquizofrenia (CAMARGOS, 2005).

A primeira descrição clássica do autismo ocorreu em 1943, quando o psiquiatra austríaco Leo Kanner, radicado nos Estados Unidos, usou o termo para descrever 11 crianças que compartilhavam o mesmo comportamento peculiar: inabilidade para interação social e extrema atração por objetos inanimados (GATTINO, 2015).

De acordo com Orrú (2016), Kanner descreveu como características desse grupo de crianças a incapacidade de estabelecer relações com as pessoas, uma série de atrasos e alterações na aquisição do uso da linguagem e certa obsessão em manter o ambiente intacto junto à tendência de repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas. Segundo suas descrições, o alheamento em que viviam era extremo, desde os primeiros anos de vida, como se não estivessem no mundo, sem responder a nenhum estímulo externo, mantendo-se em um isolamento rígido e

peculiar. Contudo, as crianças apresentavam uma aparência agradável e inteligente, além de possuírem habilidades especiais e uma memória excepcional.

Ainda de acordo com a mesma autora, durante suas pesquisas Kanner constatou que muitas das crianças que chegavam até ele eram netos ou filhos de médicos, jornalistas, cientistas e estudiosos diversos que apresentavam uma inteligência superior à média e com certa obsessão no ambiente familiar. Como desfecho, em 1955 ele considerou que a conduta dos pais e suas crises de personalidade deveriam ser o fator primordial para o desenvolvimento do autismo na criança desde sua vida intrauterina.

Quando Kanner descreve a viabilidade dos pais, mais especificamente da mãe, como auxiliar com o estado autístico, manifesta que os pais eram os causadores da síndrome, por conta da falta de afeto da mãe. Assim surgiu o que ficou conhecido posteriormente como “Teoria da Mãe-Geladeira”.

Com a confusão sobre a origem do autismo, vários teóricos se destinaram na elaboração de publicações para orientar mulheres a serem mães para seus filhos e impor um tipo de maternidade determinada pelo saber médico, o que conseqüentemente trouxe à tona os sentimentos de dor e culpa nos pais, o que pouco favoreceu para a melhoria do estado da criança (PENHA, 2019).

Atualmente esta teoria não é mais aceita, uma vez que os pesquisadores estão destinados a coletar evidências, inclusive buscando sinais mesmo antes da criança nascer. Nesta perspectiva, Gattino (2015) sustenta que há um número representativo de evidências que explicam o TEA como um transtorno de causa multifatorial. Muitas pesquisas científicas concentram interesses e apontam que há uma causa comum genética e de níveis neurais, inclusive, a *JAMA Psychiatry*

publicou em julho de 2019 um estudo realizado com 2 milhões de pessoas de cinco países (Dinamarca, Finlândia, Suécia, Israel e Austrália) que atesta outro estudo feito em 2017 na Suécia com irmãos gêmeos e não gêmeos. O estudo sugere que cerca de 81% do risco de TEA tem causa genética, sem apoio para a contribuição dos efeitos maternos.

Como síndrome, o Transtorno do Espectro Autista, como diz Falaschi (2019), pode causar diferentes comprometimentos, sendo por isso classificado em diferentes níveis de gravidade, conforme a quinta revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), de 2013: de quadros mais leves até manifestações mais graves.

Logo, os níveis ou graus dos sintomas do TEA variam de pessoa para pessoa, e, por isso, o DSM-5 preconiza três níveis de gravidade que podem variar num contínuo, isto é, do mais leve ao mais severo, de acordo com a ilustração no quadro 1.

GRAVIDADE	COMUNICAÇÃO SOCIAL	INTERESSES RESTRITOS E REPETITIVOS
NÍVEL 1 (Leve) Suporte mínimo para atividades do dia a dia	Déficits na comunicação social tende a causar prejuízos visíveis. Dificuldade em iniciar interações sociais, uso de respostas atípicas ou mal sucedidas a insinuações sociais dos outros. Diminuição do interesse em interações sociais.	Inflexibilidade de comportamento que interfere de forma significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade de mudança entre atividades. Problemas de organização e planejamento dificultam a independência.
NÍVEL 2 (Moderado) Necessita de suporte substancial	Marcado por déficits mais acentuados nas habilidades de comunicação verbal e não verbal. Aparentes prejuízos sociais, mesmo na presença de apoio. Início limitado nas interações sociais e respostas reduzidas ou anormais a aberturas sociais.	Inflexibilidade no comportamento, dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos repetitivos/restritos aparecem com frequência suficiente e óbvia, interferindo numa variedade de contextos. Sentimento de angústia e/ou dificuldade em mudar o foco ou ação.

NÍVEL 3 (Grave) Necessita de suporte muito substancial	Déficits severos na comunicação verbal e não verbal. Grande limitação em dar início a interações sociais, e mínima resposta às propostas sociais dos outros.	Comportamento inflexível, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos repetitivos/restritos interferem de forma marcante no funcionamento em todas as esferas. Grande aflição/dificuldade em mudar o foco ou ação.
---	--	--

Fonte: Elaboração própria com informações do DSM V (APA, 2013)

Não havendo nenhum marcador biológico, o diagnóstico é, sobretudo, baseado no quadro clínico do paciente, dependendo, segundo Gaiato e Teixeira (2018), de uma minuciosa avaliação comportamental e de entrevista com os pais.

O TEA não tem cura, por isso não é uma doença, é um conjunto de sintomas, no entanto, é tratável. Segundo Surian (2010), é importante deixar claro que não existe uma única forma de tratamento que possa ser considerada a melhor; são as particularidades individuais que farão com que cada criança tenha mais ganhos com determinada forma de tratamento.

Arteterapia no TEA – o arteterapeuta como mediador entre a arte e a terapia e entre o material e a obra

A arte, segundo Fischer (1993), é quase tão antiga quanto o ser humano, ela é sua relação de conexão com a natureza, comum em todas as formas sociais.

Para Chiesa (2004), fazer arte permite o contato com o criativo, com o novo. E Ciornai (2004) complementa que o novo traz vida e que a atividade de criar pode ser curativa por apontar novos caminhos.

Por meio da atividade com arte, a pessoa transforma a realidade e a si mesmo, impulsionando o desabrochar da percepção, da organização e a ordenação de seu pensamento (URRUTIGARAY, 2006).

Considerando o referencial teórico de Sílvia Ester Orrú, em seu livro “Aprendizes com autismo - aprendizagens por eixos de interesse em espaços não excludentes” (2016), podemos ter acesso significativo a apresentação da arte como eixo de interesse, forma de expressão e desenvolvimento para pessoas com TEA. Nas palavras de Orrú (2016), a arte como um eixo de interesse a ser explorado pode indicar um caminho de aproximação e de comunicação entre os indivíduos.

Em “Psicologia da Arte”, Vygotsky (1999) abrange sobre o sentido da arte para a existência humana, posicionando que por meio dela elaboramos linguagem, saberes, opiniões e transformamos sentimentos.

Logo, a maneira como Vygotsky apresenta a arte é relevante para a Arteterapia, principalmente por abordar a existência de dois elementos mediadores: os signos (linguagem, símbolos, desenhos, etc) e os instrumentos (materiais que alteram o ambiente físico).

Nesse sentido, reportando-se a perspectiva teórica de Vygotsky, as autoras Nunes e Silveira (2015) enfatizam que a linguagem (verbal, gestual, artística, etc) e as interações sociais são essenciais na formação da consciência humana.

Vygotsky (2000) considera que a formação da consciência e o desenvolvimento cognitivo caminham do nível social para o individual, seguindo um processo de apropriação, não de forma mecânica, mas impregnada pela ação do sujeito.

Assim, para que crianças aprendam e se desenvolvam, é importante apoio e incentivo de pessoas mais experientes, o que envolve outros conceitos discutidos em Vygotsky, como a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que foi definido como:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

Mesmo diante dos desafios e dificuldades encontradas no TEA, os princípios que sustentam a abordagem histórico-cultural nos encoraja como expõe Orrú (2016), a crer nas possibilidades desse público, não de forma simplista, mas a partir da ênfase na criação de relações sociais/pessoais, das ações acolhedoras e envolventes do mentor e de sua ação mediadora.

Outro aspecto a ser considerado é a que o arteterapeuta como mediador, segundo Santos (2015), deve explorar a sua sensibilidade para perceber na pessoa com TEA os significados que estão sendo construídos com relação aos conceitos que estão sendo formados, quer sejam elementares ou complexos.

Para Urrutigaray (2006), é fundamental que o arteterapeuta tenha domínio da técnica a ser utilizada, bem como do domínio de alguns fundamentos a respeito da utilização dos mesmos, a fim de estabelecer e objetivar a mobilização de conteúdos emocionais, com os quais esteja instrumentalizado a lidar.

No Brasil, as abordagens arteterapêuticas no campo do Transtorno do Espectro Autista ainda são incipientes. Pesquisas bibliográficas físicas e *on-line* revelam poucas publicações nesse campo. Um desses poucos estudos é o de

Marceli Cristine do Amaral Santos que relata a implementação e as principais atividades desenvolvidas em Arteterapia, numa escola especial em São Paulo com grupos de alunos com TEA, entre 9 e 24 anos, nos níveis 1, 2 e 3, atendidos individualmente e algumas vezes em grupo.

No estudo, Santos (2015) optou em trabalhar com materiais que possibilitam a exploração sensorial, abrangendo iniciativas motoras por parte dos alunos, posto que a atividade sensório-motora é a forma inicial de contato com o mundo e por onde se dá a percepção da concretude das coisas.

Além das artes visuais, incluiu a música nos processos arteterapêuticos dos alunos com TEA, oferecendo pelo seu caráter lúdico e de livre expressão uma forma de aliviar e relaxar. A pesquisa, segunda a autora, tem o propósito de incentivar pesquisadores da área da educação especial a focalizar as possibilidades de resposta do aluno com TEA de baixo funcionamento e contribuir no trabalho com materiais que permitem diferentes formas de exploração sensorial com alunos com TEA, nos níveis moderado (nível 2) e severo (nível 3).

Geralmente, é observado que crianças com TEA, muitas vezes, costumam apresentar problemas de integração sensorial e isso pode afetar suas respostas a vários materiais de arte. No entanto, o arteterapeuta atua para cessar com essas questões, identificando os interesses e motivações do sujeito, para criar meios que forneçam segurança, previsibilidade e confiança. Ele analisa o valor terapêutico do material para cada cliente, para poder atingi-lo de maneira mais dinâmica (PENHA, 2019).

Em Durrani (2019), identificamos que a natureza multissensorial dos materiais e o aspecto relacional do fazer artístico se prestam ao tratamento das

dificuldades presentes no TEA, ao mesmo tempo que impulsionam o bem-estar psicoemocional.

Além de ser um meio para lidar com as questões sensoriais, a complexidade da Arteterapia segundo Russo (2020), auxilia no processo de aperfeiçoamento de habilidades de pessoas com TEA, como por exemplo, habilidades sociais e de comunicação (verbal e não verbal), podendo ser uma alternativa em complemento a tratamentos considerados tradicionais.

Metodologia

A presente pesquisa, realizada de forma qualitativa, é parte de estudo do trabalho de pós graduação em Arteterapia com o título: “Arteterapia no tratamento de criança com Transtorno do Espectro Autista”. Trata-se de um estudo de caso a partir da análise das sessões de Arteterapia realizadas em ambiente clínico e praças públicas.

A coleta de dados foi desenvolvida de fevereiro a dezembro de 2018, com um encontro semanal. Os instrumentos utilizados foram a realização de entrevistas semiestruturadas e o registro das sessões no diário de campo. Além do mais, a subjetividade da pesquisadora, com suporte da sua formação em psicologia e educação especial, mais seus estudos e práticas profissionais no TEA, estiveram presentes em todos os momentos da prática arteterapêutica.

Diante da situação pesquisada, procurou-se relatar alguns dos vinte e seis encontros realizado com um menino com TEA, de 11 anos, nível 1, que aqui será identificado por Ícaro, nome fictício, relacionado à atividade que marcou a sua transformação pela Arteterapia.

Vivências na Arteterapia: O caso Ícaro

Ícaro é menino carinhoso, ingênuo, inteligente e tagarela, que desde pequeno apresenta prejuízos sociais. Filho de pais separados, vive com sua mãe. Maria (também nome fictício) é uma mãe muito dedicada e interessada. Mesmo sozinha e diante de suas dificuldades, coloca seu único filho em primeiro lugar, muitas vezes esquecendo-se de si mesma. Segundo dos três filhos por parte de pai, ele costuma passar um dia da semana ou meio período dele na presença paterna.

Na época desta pesquisa de campo, ele cursava a quarta série do ensino fundamental, numa escola regular da rede municipal de ensino em cidade do interior do Estado de São Paulo.

O menino que está no nível 1 do TEA, também conhecido como autismo leve ou de alto funcionamento, começou a falar com quase 4 anos de idade. Mesmo sendo acompanhado mensalmente pelo psiquiatra do CAPS Infantil, até o início das sessões arteterapêuticas ele ainda não tinha sido oficialmente diagnosticado.

Por meio das análises realizadas durante dois meses de vivências, foi emitido um relatório de observação dos atendimentos arteterapêuticos com informações de escalas avaliativas, o que contribuiu para o psiquiatra então fechar o diagnóstico. O ATEC (*Autism Treatment Evaluation Checklist*), que pode ser usado por profissionais, pais e cuidadores para avaliar a eficácia dos tratamentos e a Escala CARS (*Childhood Autism Rating Scale*), utilizada por especialistas para identificar crianças com características do TEA e distinguir entre autismo e atraso no desenvolvimento sem autismo, foram utilizados para complementar o relatório.

Preocupada com a saúde e desenvolvimento do filho, Maria sempre falava sobre a necessidade de receber o laudo médico com o intuito de usá-lo para obter os atendimentos específicos na escola e unidades de saúde.

O menino regularmente apresentava resistência para realizar algumas atividades e mostrava necessidade em movimentar-se; muitas vezes preferiu ficar em pé para mexer seu corpo, o que pareceu ser uma forma de se organizar e contribuir para expressar sua criatividade.

No período dos atendimentos arteterapêuticos, Ícaro costumava apresentar dificuldade para assimilar determinados conteúdos, uma vez que, em alguns momentos, manifestava necessidades educacionais especiais e algumas dificuldades na aprendizagem da leitura e na vivência da escrita.

Nas primeiras sessões foi possível observar que em alguns momentos ele apresentava distúrbios de processamento sensorial, seus sentidos pareciam ficar desorganizados de uma hora para outra. O primeiro encontro, com o tema “O que eu gosto”, tinha como intuito acolher e conhecer os gostos do menino. Foi explicado e apresentado, através de vídeos e imagens, o que é mandala. Figuras recortadas, revistas e jornais foram espalhados na mesa para que ele pudesse escolher as imagens e executar uma colagem sobre um círculo de madeira.

A escolha da colagem para a primeira sessão se deu por se tratar de uma ferramenta que permite reelaborar a realidade por imagens.

O trabalho com formas prontas e imagens selecionadas em revistas, jornais, ou em outros, acrescido da tarefa de organização de estruturas pela junção das mesmas, pode, segundo Urrutigaray (2011), trazer para o ambiente arteterapêutico

um bom clima para formar vínculos mais firmes para com as futuras tarefas realizadas com outros materiais.

Ícaro preferiu utilizar somente as imagens recortadas que já estavam espalhadas sobre a mesa (Figura 1) e precisou de auxílio na aplicação da cola, pois apresentou sensibilidade a esse material. Numa sequência de prioridades de suas escolhas, de um até dez, estavam primeiro o dinossauro, depois o robô, sua mãe, abacaxi, relógio, televisão, casa, celular, trem e cadeira.

Após relacionar seus gostos, foi solicitado que olhasse novamente as imagens e fizesse a confirmação se realmente o que ele mais gostava entre todos era o dinossauro e então ele pediu desculpas e falou que primeiro era sua mãe.



Figura 1 – O que eu gosto.

Para a execução de uma “caixa de recordações” foram necessárias duas sessões. Considerando que a caixa é um instrumento que permite guardar segredos

e recordações com segurança, a caixa redonda de madeira, com a parte de baixo pintada de preto foi entregue ao menino com uma folha contendo a impressão de várias fotos (Figura 2) com imagens de pessoas da família, escola, vizinhos, artistas e pessoas desconhecidas para que escolhesse e recortasse aquelas que seriam posteriormente coladas na parte de dentro da caixa.

De início, Ícaro ficou muito entusiasmado ao ver pessoas conhecidas, mas ao ver a fotografia de uma tia que havia falecido, disse que deveria chorar porque nunca mais iria vê-la. Imediatamente, foi dito que ele poderia guardá-la em sua caixa de recordações e que todas as vezes que sentisse saudade poderia abri-la para recordar os bons momentos que passaram juntos. Sabendo que pessoas com TEA costumam expressar emoções de maneira diferente, este momento foi oportuno para auxiliar Ícaro a identificar e falar sobre suas emoções.

A colagem propicia um campo simbólico de infinitas possibilidades de estruturação, integração, organização espacial e descoberta de novas configurações. É instigante como um mapa do tesouro, pois as informações estão ali desde o princípio, embora, num primeiro momento, nem sempre consigamos decifrar os códigos em que estes mapas estão cifrados” (PHILIPPINI, 2009, p. 24).

Devido à dificuldade em recortar as fotos, Ícaro não conseguiu fazer a colagem no mesmo dia, mas, mesmo assim, ficou feliz em terminar e deixar separadas todas as fotos escolhidas. Foi possível perceber que ele possui vínculo construtivo com sua família.



Figura 2 – Caixa de recordações.

No encontro seguinte, reservado para a colagem do material, o menino já estava mais à vontade com as fotografias e os tubos de cola, demandando pouca ajuda na conclusão da tarefa, com respeito total às suas decisões de ordenação e quantidade de cola aplicada em cada pedaço de papel impresso com as imagens.

Numa comparação com o primeiro encontro, no qual também foi proposta uma atividade de colagem, foi possível verificar algum avanço com relação a organização motora e espacial (Figura 3).

A colagem e o recorte trouxeram inúmeras possibilidades: trabalharam sentimentos de forma lúdica e contribuíram no desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras e sensoriais.



Figura 3 – Comparação

No encontro com a temática “Para você” foi sugerido preparar um vaso para plantar mudas de “onze horas”.

Arteterapeuta e cliente conversaram sobre a flor, o processo de desenvolvimento e a ação de abrir durante o dia e depois fechar. Foi perguntado ao menino porque será que a flor fecha à noite, e em tom de afirmação disse que era porque a flor dormia.

Elas sonham como você? O que sonhou essa noite? E a flor o que ela poderia sonhar? Ícaro disse que as flores não poderiam sonhar por serem plantas, mas se elas pudessem, desejariam ficar o dia todo abertas para ver outras como ela.

Depois foi proposto que pintasse um vaso de cerâmica na cor desejada. No início do processo de plantio, antes de segurar as mudas, foi indicado pegar terra com uma pazinha para posteriormente trabalhar com as mãos.

Foi intenso presenciar o menino Ícaro colocando a mão na massa (Figura 4), ou seja, na terra, pois é algo que não fazia.

A experiência de manipular e preparar a terra para plantar, adicionando flores e apresentando a compreensão do processo, uma vez incorporados tornam-se precursores significativos em aprendizagens posteriores que envolvem a capacidade de abstração.



Figura 4 – Para você.

Em uma sessão mais no meio do processo terapêutico, o tema escolhido foi o “Pontilhismo criativo”. O propósito foi deixar o menino Ícaro mais confiante para se expressar de forma livre e natural, para ajudá-lo a desenvolver a atenção, concentração e expressão artística.

Após a exibição de um vídeo sobre o tema, foi oferecida uma travessa de madeira para Ícaro iniciar os pontilhados com pintura a dedo ou da maneira que lhe confortasse para ao mesmo tempo narrar uma história a cada cor escolhida (Figura 5). No início, as cores iniciais representaram animais que brigavam entre si, até que vários elefantes verdes e com asas se espalharam para amenizar e por fim

chegaram os cangurus amarelos para criar um clima de amizade entre todos que viviam na floresta.



Figura 5 – Pontilhismo criativo.

Durante o processo, o menino não dispersou para outro assunto, o que era comum nas outras sessões e conseguiu usar os materiais de forma prazerosa, sem precisar se limpar.

Segundo Chevalier e Greerbrant (2002), as asas indicam a faculdade cognitiva: aquele que compreende tem asas. Asas representam conquista e o elefante indica força, prosperidade, longevidade e sabedoria.

Tal como o elefante, vemos o canguru como um animal de grande porte. É um mamífero que chama atenção por seus pulos, marca esse salto de progresso com relação à organização tátil e motora e organização emocional do menino Ícaro.

Considerando que em várias sessões o pequeno cliente estava representando asas em desenhos, pinturas e esculturas, foi resolvido dar forma às suas asas. Assim, durante a sessão de número 16, ele conversou sobre aves, tamanho de penas, altura de voos e para quais lugares gostaria de ir se pudesse voar.

Posteriormente, numa outra sessão, recebeu uma caixa com penas dentro, o que deixou o menino bastante eufórico e deslumbrado (Figura 6). Nos encontros seguintes, Ícaro construiu suas asas, pena a pena. Por ser um trabalho minucioso e delicado e envolver cola *hot-melt*, foi necessário ficar junto a ele o tempo todo, cuidando para que tudo ocorresse sem nenhum incidente (Figura 7).

Depois de concluído esse trabalho, foi proposto ao menino ir para uma praça, onde ele poderia brincar mais livremente com suas asas. A expectativa dele era tão grande que ele logo quis iniciar o seu voo. Ícaro se preparou, contou 1, 2 e 3 e no “já”, pulou feliz. Várias vezes desceu o barranco e em todas verbalizou que estava voando (Figura 8).



Figura 6 – A caixa.



Figura 7 – Construção.



Figura 8 – Livre para voar.

Num outro momento, em dezembro de 2018, propôs-se uma vivência na escola junto a seus pares. A estratégia escolhida foi falar sobre as diferenças, abordando sobre singularidades. Uma das poesias criada por Ícaro também fez parte e complementou o encontro:

*O elefante sabe voar.
Ele vai até as nuvens do céu e de lá vê uma cidade,
as pessoas e as árvores perto da minha casa.
O elefante sonha voltar.
Mas ele tem asas e pode voltar para casa.
Sua casa é cheia de árvores e folhas.
Para ele ser feliz, só falta uma manada de elefantes voadores.*

A participação dos alunos foi muito significativa, principalmente porque ajudou Ícaro a concluir que ele era o elefante. Diante da espontaneidade, simplicidade e alegria de se reconhecer junto à manada, ele despertou para o autoconhecimento.

Na outra parte da vivência, propôs-se a criação de mandalas no papel para facilitar a abertura ao novo e permitir a expressão de diversas formas. Foi visto que este tipo de atividade envolveu a todos os presentes e ajudou na concentração e coordenação, favorecendo a aprendizagem e criando possibilidades para o desenvolvimento do pensamento criativo. Para fortalecer as relações e estimular a interação, no final houve o desenvolvimento de mandalas humanas com o propósito de levar a ideia de continuidade e movimento (Figura 9).



Figura 9 – Mandala na escola.

Resultados obtidos

Nas primeiras sessões foi possível observar que em alguns momentos Ícaro apresentou problemas de integração sensorial, seus sentidos pareciam ficar desorganizados de uma hora para outra, dispersava bastante, pois costumava falar muito, tentando desviar na maioria das vezes para o assunto de seu interesse e enquanto falava, parecia ser difícil estabelecer e principalmente manter contato visual. Outros aspectos apresentados foram ansiedade, resistência e dificuldade para assimilar determinados conteúdos, uma vez que, em alguns momentos, manifestava necessidades educacionais especiais e algumas dificuldades na aprendizagem da leitura e na vivência da escrita.

Levando em conta que frequentemente pessoas com TEA sentem-se desconfortáveis com mudanças ou eventos inesperados, em todas as sessões, sempre havia antecipação do que seria proposto. Uma vez que crianças com TEA aprendem com maior eficácia através de estímulos visuais, sempre que possível, foram apresentados vídeos e imagens antes das atividades arteterapêuticas. Pode-se perceber que a antecipação da atividade proposta através de imagens, trouxe mais tranquilidade que a linguagem falada.

Com as sessões arteterapêuticas, Ícaro teve a oportunidade de vivenciar experiências criativas, acessando e expandindo sua imaginação. Para isso, partiu-se de realizações concretas para abranger a percepção e favorecer o desenvolvimento simbólico.

A relação arteterapeuta-cliente, fundamentada em confiança e vínculo, foi base importante para um mergulho no universo imaginário e ao mesmo tempo real, mediante o qual, por meio da criação de atividades fundamentadas nos gostos do participante, estruturas surgiram para colaborar na ampliação da consciência, promovendo descobertas e mudanças de atitudes.

Mostrar de onde saíam as penas e qual tamanho teriam suas asas, estimulou a imaginação de Ícaro, que começou a comunicar ideias bastante engenhosas e originais, contrariando a rigidez de pensamento e prejuízo na capacidade simbólica informados em estudos científicos e previstos no TEA.

As sessões arteterapêuticas foram muito positivas para Ícaro lidar com questões relacionadas com a disfunção do processamento sensorial, que se refere à dificuldade que o cérebro tem para processar informações através dos sentidos,

isto é, visão, tato, audição, paladar, olfato e ainda o sistema vestibular e proprioceptivo.

O contato das mãos na terra, a textura dos materiais, o cheiro do mato, o som dos pássaros, o movimento do corpo ao pular o barranco, os canais de exploração foram enormes e as descobertas e aprendizagens uma conquista.

Organização motora, tátil e proprioceptiva podem ser observadas na vivência “Para você” (Figura 4), onde o contato com a terra alastrou-se para uma experiência sensorial por todo o corpo, o que fez o menino experimentar sensações que contribuiu para construção e estruturação de conhecimentos corporais e psíquicos significativos.

A colagem foi uma atividade de destaque, visto que além de propor estimulação sensorial, cognitiva e motora, desenvolveu sentimentos através de imagens, mobilizando conteúdos internos por meio da conversa arteterapeuta-cliente.

Para executar as sessões arteterapêuticas sempre foi levado em conta as particularidades, necessidades e interesses de Ícaro. Nesse ínterim, o trabalho incluiu os conceitos de Zona de Desenvolvimento Proximal. Todas as vivências foram enriquecidas pelo planejamento do arteterapeuta que atuou como mediador ao criar condições para contribuir no desenvolvimento de Ícaro, partindo daquilo que ele já conhece e sabe fazer para outras atividades mais complexas.

Na medida em que cada modalidade expressiva tem propriedades, usos e indicações específicas, a escolha dos materiais se deu de acordo com o objetivo a ser desenvolvido, já que cada material, segundo Philippini (2009), tem propriedades que mobilizam emoções e sentimentos de maneiras diferentes.

Diante dos resultados obtidos na escola, é possível notar que a Arteterapia no contexto escolar é de vasta utilidade em casos de inclusão, atendendo ainda outras crianças.

A realização das atividades junto aos seus pares foi muito significativa, contribuiu para o autoconhecimento, autoestima e confiança, com novas possibilidades para reconstrução de sua realidade.

Partindo da premissa que cada pessoa com TEA é única, portanto tem suas particularidades que necessitam ser consideradas, foi visto no trabalho realizado que conhecer os interesses de Ícaro foi o ponto de partida para mediação arteterapêutica que a partir de modalidades expressivas da arte envolveu o participante a criar, imaginar, interagir e desenvolver habilidades de vida.

No caso de Ícaro, a Arteterapia propiciou um novo olhar e práticas inovadoras no cuidado com esse público, visto que ele mudou atitudes e comportamentos e principalmente conseguiu usar a imaginação para criar arte e se expressar, o que demonstra a necessidade de se repensar no mito em torno da falta de imaginação no Transtorno do Espectro Autista.

Considerações finais

A Arteterapia é um campo de conhecimento que impulsiona o crescimento mental e emocional, é uma possibilidade terapêutica para ajudar no tratamento do TEA, pois, mais do que contribuir na amenização dos seus sintomas, simultaneamente direciona os interesses da pessoa para potencializar a criatividade.

O papel do arteterapeuta como mediador/facilitador é de conhecer as singularidades, necessidades e preferências da criança com TEA e, a partir dessas informações, por meio dos materiais e técnicas expressivas favorecer o desenvolvimento de habilidades de vida.

Arteterapia propõe o enriquecimento da qualidade de vida e contribui com a promoção de saúde. Favorece o aumento das capacidades emocionais, sensoriais, comunicativas, simbólicas, sociais, motoras, criativas, comportamentais, e ainda contribui para a inclusão da criança com TEA.

O trabalho em Arteterapia possibilita ao indivíduo entrar em contato consigo mesmo através da sua criação e vivências durante o processo, nutrindo-se dos materiais, num movimento de descobertas e liberdade que permite o desbloqueio emocional e por meio do qual é possível conhecer a si mesmo. Este autoconhecimento permite maior segurança e independência, e, como resultado, maior liberdade, assim como aconteceu com o menino Ícaro, em seu voo nas asas da Arteterapia.

Data de recebimento: 17.01.2021

Data de aceite 1º parecerista: 02.06.2021

Data de aceite 2º parecerista: 28.06.2021

REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Técnicas expressivas em Arteterapia: O encanto das fábulas ao encontro com a alma.** Rio de Janeiro: WAK Editora, 2011.

APA (American Psychiatric Association). **DSM-V. Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais**. 5ª ed rev. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CAMARGOS JR, W; Colaboradores. **Transtornos invasivos do desenvolvimento**. 3º Milênio. 2ª ed. Brasília: CORDE, 2005.

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números**. 33ª ed. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 2019.

CHIESA, R.F. **O Diálogo com o barro: o encontro com o criativo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CIORNAI, S (org.). **Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em Arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.

DURRANI, H. A Case for Art Therapy as a Treatment for Autism Spectrum Disorder.

Researchgate. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/333226042_A_Case_for_Art_Therapy_as_a_Treatment_for_Autism_Spectrum_Disorder. Acesso em 01 mar 2020.

FALASCHI, C. Prefácio. In: PENHA, S.E.S. **Ícaro: o voo do menino autista nas asas da Arteterapia**. Campinas: Editora Evidencia. BR, 2019.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GAIATO, M; TEIXEIRA, G. **O reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis**. São Paulo: Nversos, 2018.

GATTINO, G.S. **Musicoterapia e autismo: teoria e prática**. São Paulo: Memnon, 2015.

GIMENES, J.C.C. **Intervenções clínicas com Arteterapia**, org. Glícia Manso. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2014.

NUNES, A.I.B.L.; SILVEIRA, R.N. **Psicologia da aprendizagem**. 3ª ed. Fortaleza: EdUECE, 2015.

ORRÚ, S.E. **Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

PAIVA JUNIOR, F. Prevalência de autismo nos EUA sobe 10%: agora é 1 para 54. Revista Autismo. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/destaque/prevalencia-de-autismo-nos-eua-sobe-10-agora-e-1-para-54/> Acesso em: 11 nov. 2020.

PENHA, S.E.S. **Ícaro: o voo do menino autista nas asas da Arteterapia**. Campinas: Editora Evidencia. BR, 2019

PHILIPPINI, A, **Linguagem e materiais expressivos em Arteterapia: uso, indicações e linguagens e propriedades**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

RUSSO, F. **Desenvolvendo habilidades com Arteterapia**. Neuroconecta. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/desenvolvendo-habilidades-com-Arteterapia/> Acesso em 10 nov. 2020.

SANTOS, M.C.A. **Entre a vivência com educadores e a proposta com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): estudo de atividades de arte com materiais de exploração sensorial**. 2015.196f. Dissertação (Programa de Pós Graduação da Faculdade de Ciências Médicas) - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo.

SURIAN, L. **Autismo:** informações essenciais sobre familiares, educadores e profissionais da saúde. São Paulo: Paulinas, 2010.

URRUTIGARAY, M.C. **Arteterapia:** a transformação pessoal pelas imagens. 5ª ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2011.

VALLADARES-TORRES, A.C.A. **Arteterapia na hospitalização pediátrica:** análise das produções à luz da psicologia. Curitiba: Editora CRV, 2015.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente.** 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Artigo Relato de Experiência

A Importância da Arteterapia no processo de individuação feminina – Fênix ressurgida na metanoia

The importance of Art therapy in the process of female individualization – Phoenix resurfaced in metanoia

Maria da Graça Alves Cardoso¹

RESUMO: Este artigo, desenvolvido no curso de pós-graduação em Arteterapia no ano de 2019, objetiva analisar como o processo arteterapêutico contribui para as transformações que ocorrem com mulheres de meia idade (faixa etária entre 50 a 60 anos) na metanoia. Para realização desse trabalho, foram acolhidas três mulheres, pertencentes à faixa etária mencionada, donas de casa, casadas e com filhos. Elas participaram de nove sessões, com duração de duas horas cada, que aconteceram no período de agosto a setembro de 2019 em ateliê arteterapêutico na cidade de São Paulo. Nas sessões, empregaram-se diversas técnicas de Arteterapia, como recorte e colagem, contação de histórias, desenhos, pinturas, lápis de cor e de cera, linhas, lãs, sementes e massa de biscuit. Nesse estudo, foram selecionadas três sessões realizadas por D., pois ilustraram cabalmente o tema aqui desenvolvido. A análise de todo o processo baseou-se em conceitos da Psicologia Analítica, destacando-se a Individuação na metanoia, a importância dos Contos de Fadas na dinâmica arteterapêutica e a contribuição da Arteterapia na fase do Envelhecimento.

¹ Arteterapeuta, Psicanalista, Pedagoga, Pós graduada em Gestão Escolar/ Contato:mgacardoso92@gmail.com

Palavras-chaves: Fênix. Metanoia. Individuação. Feminino. Arteterapia.

ABSTRACT: This article, developed in the postgraduate course in Art Therapy in 2019, aims to analyze how the art therapy process contributes to the transformations that occur with middle-aged women (aged between 50 and 60 years) in metanoia. To carry out this work, three women belonging to the aforementioned age group, housewives, married and with children were accepted. They participated in nine hours, lasting two hours each, which took place from August to September 2019 in an art therapy studio in the city of São Paulo. In those collected, several techniques of Art Therapy were used, such as cutting and collage, storytelling, drawings, paintings, crayons and crayons, thread, wool, seeds and cookie dough. In this study, three selected by D. were selected, as they fully illustrated the theme developed here. An analysis of the entire process based on concepts of Analytical Psychology, highlighting Individuation in metanoia, the importance of Fairy Tales in the dynamic art therapy and the contribution of Art Therapy in the Aging phase

Keywords: Phoenix. Metanoia. Individuation. Feminine. Art therapy.

Introdução

*Apesar de nossos apegos, atuais
Nossas mágoas, dores,
Choques, realizações, perdas, ganhos, alegrias,
O local que almejamos é aquela terra psíquica
Habitada pelos velhos,
Aquele lugar onde humanos ainda são
Tão perigosos quanto divinos,
Onde os animais ainda dançam,
Onde o que é derrubado*

*Cresce de novo,
E onde os ramos
Das árvores mais velhas
Florescem por mais tempo.
A mulher oculta
Que preserva o estopim dourado
Conhece esse lugar.
Ela conhece.
E você também.*

A ciranda das mulheres sábias, Clarissa Pinkola Estés

Diante de todas as mudanças sociais ocorridas nos dois últimos séculos na história da humanidade, o papel que sofreu profunda transformação foi o da mulher, pois de dona de casa, esposa e mãe passou a ocupar cada vez mais cargos e funções antes predominantemente masculinos. Logicamente, que todas essas mudanças trouxeram ganhos ao universo feminino como independência financeira, possibilidade de ascensão social, acesso ao conhecimento, participação ampla em decisões, além de outros. Porém, houve acúmulo de funções, pois as mulheres não só continuaram a exercer seus papéis primordiais dentro da família como também começaram a responder às obrigações pertinentes ao seu desempenho profissional.

Com as mudanças socioculturais, atualmente a mulher possui os mesmos direitos em relação ao homem, com as mesmas responsabilidades e obrigações, e com isto, houve um maior desenvolvimento e envolvimento de sua personalidade frente às diversas atribuições, passando ela a dominar e assumir praticamente todas as situações e áreas: arte, ciência, tecnologia, casa, trabalho, decisões, iniciativas, política e etc. E apesar destas mudanças, manteve suas funções naturais de mãe. Todas estas alterações na história da mulher, fez com que ocorressem profundas transformações psicológicas, resultando em uma pessoa livre, independente e autônoma, ao invés de submissa, dependente e obediente (MALLARD, 2008).

Definir ou equilibrar afazeres em sua rotina e também atender ao que se deseja, eis o desafio da mulher atual. Algumas, premidas pelas circunstâncias, resolveram aceitar os encargos do cotidiano sem ousarem realizar o que realmente desejam. Esta postura gerou o esquecimento do querer, transformando-as em executoras de desejos alheios e tornando-as vulneráveis às críticas e cobranças em seu meio.

É fundamental que as mulheres voltem a conectar-se com elas mesmas e com o mundo criativo puramente feminino, para que seja possível recriarem seu interior e renascerem para uma nova vida. Não conseguir insistir em seu próprio andamento, preocupar-se em demasia com opinião alheia, isolar-se da própria revitalização, deixar envolver-se exageradamente na domesticidade, no intelectualismo, no trabalho ou na inércia, porque é esse o lugar mais seguro para quem perdeu os próprios instintos. (MATCHEIL,2008).

A situação torna-se mais agravada durante o período da metanoia, compreendido aqui como período da meia idade, quando há o esvaziamento de alguns papéis (materno, conjugal) ou de situações características dessa fase (aposentadoria, menopausa, envelhecimento do corpo), gerando depressão e medo da finitude.

A relação entre perdas e aquisições na vida adulta e na velhice muitas vezes está relacionada com a dificuldade de substituir um objeto que se tornou ausente, e a maneira como isso acontece vai depender diretamente de cada indivíduo. Pelo olhar da Psicanálise, o ego é constituído pelos investimentos em objetos e entes queridos ao longo da vida; ou seja, a imagem que um indivíduo tem de si é baseada no outro pelo qual desenvolvemos afetos. A noção de aquisição ao longo da vida ocorre nessa relação narcísica entre ego e objeto. Por outro lado, a perda decorre da retirada do objeto e isso acontece ao longo do ciclo da vida. (LEOPOLD, 2017. p.23/24)

A mulher sente-se deslocada das habituais funções, tendo de encarar o rumo que dará a si mesma sem servir ou cuidar de outro, sem empregar a libido no objeto externo. É o momento de ressignificação e de transformações em que o olhar

volta-se para mundo interior, para os desejos de individuação orquestrados pelo Self.

Segundo Fabietti, essa fase “é o momento da recriação, da reconstrução. É a recriação do cotidiano, o estabelecimento de novas dinâmicas da realidade. É na condição de envelhescente que o velho se descobre” (2015, p.40).

Logicamente que a sociedade, principalmente a brasileira, não foi educada a ver esse período como uma oportunidade de crescimento psíquico e, portanto, nova maneira de encarar desafios e continuar a viver de maneira significativa. Pelo contrário, há depreciação da pessoa mais velha e a noção de que ela se tornou um peso social.

Tudo indica que apenas uma parcela diminuta da população idosa, hoje estimada em mais de 14 milhões de brasileiros, vive a velhice sob condições favoráveis. Para a grande maioria, a velhice é uma etapa da vida cercada por impedimentos e constrangimentos das mais diversas ordens.

O anseio de “ter voz” e de que haja escuta é sinônimo, no mais das vezes, de “estar presente”, de “fazer parte” e de “estar aberto” para rápidas e vertiginosas transformações observadas nos mais diferentes campos da ação humana.

Assim, o que se explicita é a vontade de “mostrar-se vivo” perante a família e outros grupos de referência, e também, de desenvolver uma vida ao mesmo tempo responsável e afinada aos ditames e desejos pessoais.” (FABIETTI, 2015 p.12).

Algumas mulheres reagem contra essas condições desfavoráveis e vão buscar, em meio às perdas e reviravoltas, novo patamar. Outras, porém, aceitam os constrangimentos impostos e se submetem às exigências dos mais jovens, assumem responsabilidade em lugar dos filhos como criação de netos, levando uma existência sem cor, mas fantasiando a noção de que continuam “úteis” em seu meio.

Neste contexto, a Arteterapia tem papel importantíssimo, pois facilita o acesso à via criativa e ao resgate do EU. Possibilita, de forma processual e

prazerosa, o rompimento de bloqueios e a dissolução de traumas e ilusões, conduzindo à expressão verdadeira do Ser.

[...] esclarecendo que cada ser é único, singular, já que recebe a Vida para desenvolver seus potenciais. A Arteterapia facilita o ser humano a chegar a esse âmago, essa singularidade do Ser, a chegar a essência. [...] A Arteterapia é uma facilitadora de decifração do mundo interno, e a possibilidade de acessar esse mundo em um ambiente cuidadoso e acolhedor que nos ajuda a ter encontros com o mais profundo de nós, visando à saúde total do Ser. O processo psíquico desenvolve seu dinamismo por meio de imagem simbólica. (DINIZ,2010, p.12).

Este artigo se atém ao estudo de caso de uma mulher de meia idade que apresentou, em sessões semanais de duas horas de Arteterapia, queixas como a falta de tempo para si, o cansaço e a dor de servir ao outro, a incapacidade de dizer Não às solicitações alheias, por vezes contrárias a suas aspirações internas. Apesar de vislumbrar a necessidade de se aventurar ao encontro de sua essência, teme abandonar velhos padrões em que foi moldada socialmente.

1. Fundamentação teórica

Para embasar a reflexão proposta neste artigo, a fundamentação teórica exposta refere-se ao mito da Fênix, a Jung e o processo de Individuação, à metanoia, à Arteterapia no processo de individuação feminina.

1.1.Fênix

(...) Há um pássaro que renova a si mesmo sozinho.

Os assírios o chamam de fênix.

Não vive de sementes nem grama verde, mas dos gomos do olíbano e do sumo do cardamomo.

Vive cinco séculos, como vocês devem saber, e constrói para si mesmo um ninho nos ramos mais altos das palmeiras, usando suas garras e o bico para cobrir seu cinamomo e espigões de nardo, e canela e mirra amarela.

Lá ele morre, entre as fragrâncias dessas plantas, e, de seu corpo, uma minúscula fênix desabrocha para vida e vive tanto quanto a outra.

A ave recém – emplumada, ao ganhar força para carregar as cargas, levanta o ninho pesado, seu berço e tumba da antiga fênix, carrega-o até a cidade do Sol e o deixa, como oferenda nas portas do templo sagrado do deus Sol. (OVÍDIO, Metamorfoses 15585, 2003, p. 42).

Várias culturas fazem menção ao mito da Fênix. É importante notar que em todas, esse símbolo carrega em si a noção de transcendência, pois há um ciclo de morte e ressurreição em que é preciso se desvencilhar do velho para atingir novo estágio evolutivo.

Assim, “os símbolos de transcendência” são aqueles que representam a luta do homem para alcançar o seu objetivo. Fornecem os meios pelos quais os conteúdos do inconsciente podem penetrar no consciente, e são também, eles próprios, uma expressão ativa desse conteúdo. (HENDERSON,2008, p. 197).

Esses símbolos de transcendência aparecem desde os primórdios da evolução humana e marcam grandes transformações na vida do homem em fases críticas de sua evolução.

Neste estudo, é destacada a simbologia de um pássaro (no caso, a Fênix) como um dos representantes de transcendência, pois traz em seu bojo a possibilidade de romper com elementos de contenção e ressurgir de forma plena em si mesmo.

1.2 Jung e o Processo de Individuação

*Eu quero existir pelas minhas próprias forças
como o Sol, o qual fornece a Luz e não suga a Luz.*
Carl.G.Jung

Carl G Jung (1875 – 1961), o fundador da Psicologia Analítica, define Individualização como o caminho natural que cada homem faz para encontrar a si mesmo, tornando-se um ser único. É o processo de integração entre partes opostas do ser humano como a mente consciente e inconsciente; é o casamento alquímico entre Self e Ego.

Individualização significa tornar-se um ser único, na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio Si - Mesmo. (JUNG, 2015, p.23).

Para Jung (1960), as fases da vida de todo indivíduo podem ser representadas por dois movimentos distintos. A primeira fase caracteriza-se pelo fazer, conquistar e acontecer. É neste momento que o indivíduo faz escolhas externas como profissão, estado civil, moradia, filhos, conquistas profissionais, financeiras e emocionais e comanda os acontecimentos no decorrer da vida. Portanto, esta primeira fase caracteriza-se pela extroversão, isto é, o investimento maior da energia do indivíduo está no objeto, no exterior.

Já, na segunda fase, a meia idade até a velhice, é comum ocorrer a reflexão sobre o sentido da vida e tudo que nela foi realizado. É o momento de retomar alguns aspectos da existência que foram adiados, de fazer mudanças, de romper com padrões limitadores e de se preparar para jornada libertadora.

Num período mais maduro da vida talvez não seja necessário romper totalmente com os símbolos de contenção. Mas é bem verdade, também, que se pode estar possuído por aquele divino espírito da insatisfação que leva todo homem livre a enfrentar alguma nova descoberta ou a viver de alguma nova maneira. Essa mudança pode tornar-se especialmente importante no período que vai da meia idade à velhice, época em que as pessoas se perguntam sobre o que vão fazer ao se aposentarem – continuar trabalhando, divertir-se, viajar ou ficar em casa.

(...) Mas se viveram dentro de padrões sociais em que foram educados, podem sentir uma desesperada necessidade de uma mudança libertadora.

(...) Mas nenhuma dessas mudanças externas solucionará o problema se

não houver alguma transcendência interior de velhos valores para criar e não apenas simular, um novo padrão de vida. (HENDERSON,2008, p. 198 à p.200).

Portanto, a atenção do indivíduo volta-se para dentro, isto é, há o movimento de introspecção, pois o que está em foco é o Ser. Esta fase é conhecida como Jornada do Herói Solar.

A jornada do herói solar simboliza o que Jung denominou de processo de individuação, ou seja, o processo dialético e teleológico de tornar-se inteiro, diferenciado, singular, autêntico, a partir de um mergulho do centro da psique que nos conduz a um relacionamento apropriado e saudável entre o ego e o Self. Individuação é sinônimo de construção do indivíduo, de desenvolvimento e amadurecimento psíquico rumo à completude. (MACIEL,2012, p.60)

1.3 Metanoia

A. Definição

Metanoia – uma mudança significativa da consciência de si e da atitude mental, que geralmente acontece por meio de crises na meia idade, cujo valor deixa de ser adaptar-se à consciência coletiva, mas sim seguir o rumo à própria singularidade, ao encontro com o Self. (MACIEL, 2012, p.201)

O termo metanoia prenuncia a fase de transição em que é preciso entrar em contato com conteúdos internos e externos para poder abdicar de velhos padrões e se abrir à nova maneira de enxergar a vida e seu processo.

O estudo desenvolvido neste artigo voltou-se para a fase em que a metanoia ocorre na meia idade, momento em que, com a proximidade da finitude, fica coerente abrir mão de disputas exteriores e voltar-se para valores interiores.

Nas etapas da vida humana, existem determinados momentos que, naturalmente, ficamos mais expostos à ocorrência da metanoia, que é a crise da transição. (...) É óbvio que, nesta etapa da vida, por conta da chegada da segunda metade da vida e à proximidade da morte, ficamos muito mais suscetíveis a empreender mudanças de valores, ficando mais fácil abrir mão da materialidade e demandas territoriais, para que a dimensão da espiritualidade fique mais importante na vida. (MAGALDI, 2018, p.3).

B. Definição de metanoia na Psicologia Analítica

Para a Psicologia Analítica, a metanoia é o momento em que a pessoa sente ser necessária a mudança do modelo mental para atender ao processo de reforma da psique. É grande a transformação, pois todos os aspectos intelectual, racional, emocional e espiritual se alteram expandindo a consciência do indivíduo.

Para Carl Jung, o termo “metanoia” designa a transformação da psique por um tipo de “cura” que se inicia a partir de forças inconscientes, tratando-se isso no processo de individuação. Por isso, metanoia tem uma definição dentro desse âmbito como “expansão da consciência”. (MEUS DICIONÁRIOS, 2017)

C. Relação da metanoia e o mito da Fênix

É tendência natural do indivíduo agir quando surge em sua vida um incômodo. Mesmo aquele que busca ignorar o infortúnio, não consegue por muito tempo manter-se nessa postura e busca solução. Como foi dito, a metanoia, na meia idade, provoca o sair da confortável estabilidade, conquistada na primeira fase da vida, e induz a transformações necessárias ao processo de individuação. Portanto, ela incita a transgressão de velhos padrões e o desapego de tudo que se tornou obsoleto na vida da pessoa e convida a iniciar nova jornada. É o momento de morrer para o que se pensou Ser e poder ressurgir como o SER em SI MESMO. Esse é o processo encontrado no mito da Fênix.

A metanoia exige uma espécie de transgressão, por provocar muitas transformações tanto nos comportamentos quanto no pensamento e no caráter das pessoas, produzindo rompimentos de valores, relacionamentos e até de visão de mundo. Muitas vezes surge na forma de crise e queixas, fazendo com que os indivíduos repensem seu existir. Sendo que, na base dessa crise, está a experiência simbólica de morte e de renascimento. (MAGALDI, 2018, p.4).

O ressurgimento da Fênix na vida do indivíduo indica que ele superou o momento crítico da metanoia e aceitou a verdade sobre si mesmo, ou seja,

confrontou e acolheu sua Sombra, libertando-se da oposição entre consciente e inconsciente para promover a harmonização entre Ego e Self.

(...) quando a pessoa consegue ressignificar sua persona, por meio de um desmascaramento das personagens habitualmente usadas nas relações interpessoais até então, e confrontar sua sombra, representante do inconsciente e de todas as dimensões negadas, reprimidas ou indiferenciadas, saudáveis ou patológicas existentes no âmago de todos nós. Só assim que o ego, que atua como gestor da consciência e mediador da contínua tensão opositiva entre persona e sombra, poderá encontrar o entusiasmo em servir ao si mesmo e, conseqüentemente, ao outro. (MAGALDI, 2018, p.4).

1.4 Arteterapia no Processo de Individuação Feminina

Se cada dia cai dentro de cada noite, há um poço onde a claridade está presa. Há que sentar-se na beira do poço da sombra e pescar luz caída com paciência.

Pablo Neruda

Arteterapia é um processo terapêutico facilitador para que a pessoa possa entrar em contato com a Sombra e resgatar a luz de Ser por meio da criatividade, da sensibilidade. Os conteúdos inconscientes se manifestam de maneira lúdica e colorida permitindo interação com o consciente sem formação de barreiras racionais. Assim, Self e Ego podem dialogar em equilíbrio.

A Arteterapia, novo modelo investigativo da psique que vem se expandindo e ganhando espaço na área de saúde e desenvolvimento humano, caracteriza-se como uma prática catalisadora do equilíbrio (envolve os níveis sensorio-motor, emocional, cognitivo e intuitivo do funcionamento) na medida em que entende a manifestação artística como autorretrato da psique e promove o resgate, o diálogo e a comunhão das funções e dos afetos negligenciados, esquecidos e reprimidos no inconsciente. A criação expressiva é uma ponte para a reapropriação do íntimo, uma forma de recuperar a individualidade perdida. (MACIEL, 2012, p.49).

Portanto, torna-se claro como a Arteterapia pode contribuir de maneira cabal na individuação de cada pessoa que passa pela metanoia e, principalmente, pela

mulher de meia idade, que viveu na primeira fase de sua existência tantas transformações externas do papel feminino na sociedade.

Arteterapia facilita a conexão da mulher com sua natureza interna, com sua energia feminina para que ela encontre a si mesma.

Quando as mulheres reafirmam seu relacionamento com a natureza selvagem, elas percebem o dom de dispor de uma observadora interna permanente, uma sábia, uma visionária, um oráculo, uma inspiradora, uma intuitiva, uma criadora, uma inventora e uma ouvinte que guia, sugere e estimula uma vida vibrante nos mundos interior e exterior. (ESTÉS, 2018, p.20/21).

Estudo de Caso

O trabalho arteterapêutico iniciou-se com dois grupos de mulheres na meia idade. As nove sessões tinham a duração de duas horas semanais e estruturavam-se da seguinte forma: relaxamento, visualização criativa, execução da técnica arteterapêutica, compartilhamento das vivências e encerramento. Esses encontros fizeram parte de um projeto realizado no curso de pós-graduação em Arteterapia do Instituto Freedom em 2019.

Os materiais usados foram variados como tintas, recortes, lápis de cor e de cera, linhas e lãs, sementes, massa de biscoito. Porém, nas atividades destacadas neste estudo de caso, foram usados lápis de cera, recorte e colagem e escrita criativa.

Para ilustrar o tema deste artigo, destacou-se o processo de D. Para tanto, das nove sessões em que se deu o atendimento, foram escolhidas três, em que ela ressignificou experiências anteriores (nas quais era extremamente subserviente às solicitações alheias, não levando em conta o próprio querer) e disse NÃO ao que

lhe era incômodo, transformando o próprio cotidiano e renascendo para novas experiências do ser (a Fênix).

D. faz parte de um grupo formado por três mulheres na faixa entre 50 a 60 anos. Ela tem 50 anos, é casada e mãe de três filhos adolescentes, sendo duas meninas e um menino. É dona de casa e frequentou a escola até o Fundamental II. É de origem humilde e, na infância, foi doada pelos pais a uma família de posses que prometeu cuidar bem dela. Entretanto, foi tratada como criada no lar adotivo. Aos dezesseis anos, saiu da casa dos patrões e veio para São Paulo. Aqui chegando, arrumou emprego em uma lanchonete e fez supletivo à noite. Tempos depois, conheceu o homem com quem se casou. Ele também não foi criado pelos pais, mas a família que o adotou tinha posses e o tratava como filho. D. contou que a princípio o rejeitou, pois ele era estudado e de boa situação financeira. Porém, ele foi atrás dela e insistiu tanto que ela acabou cedendo. Casaram-se e, após o nascimento da primeira filha, largou o emprego e tornou-se somente dona de casa.

D. chegou no grupo retraída e muito quieta. Falou que queria tentar fazer as sessões, mas não sabia se era capaz de acompanhar. Trouxe caderno, pasta e lápis como se fosse participar de uma aula acadêmica. Suas queixas eram de não saber falar Não é o que faria de sua vida agora que os filhos não precisam tanto dela. Ficava tensa nas primeiras sessões e preocupava-se muito em saber se estava fazendo certo. Sempre pedia para repetir a explicação antes de começar a fazer a atividade e, no final de cada sessão, agradecia e se desculpava por alguma coisa. Tinha muito medo de ser mal interpretada e de afastar as pessoas ou ser abandonada novamente por pessoas que estima. Disse que não entende até hoje, porque os pais dela a doaram. Pensa que ela era ruim ou tinha feito algo que eles

não gostaram. Com o decorrer das sessões, foi se abrindo e ficava feliz quando encontrava respostas às suas dúvidas, medos e mágoas.

Neste estudo, foram separadas três sessões que ilustram o processo de D. a caminho do Não e renascer como pessoa capaz de manifestar o que quer.

Na primeira atividade destacada, foi proposto a D. que criasse duas redes e colocasse em uma o que considerava ser obrigação e, na outra, o que, na verdade, desejaria carregar. Ela desenhou as redes com giz de cera.

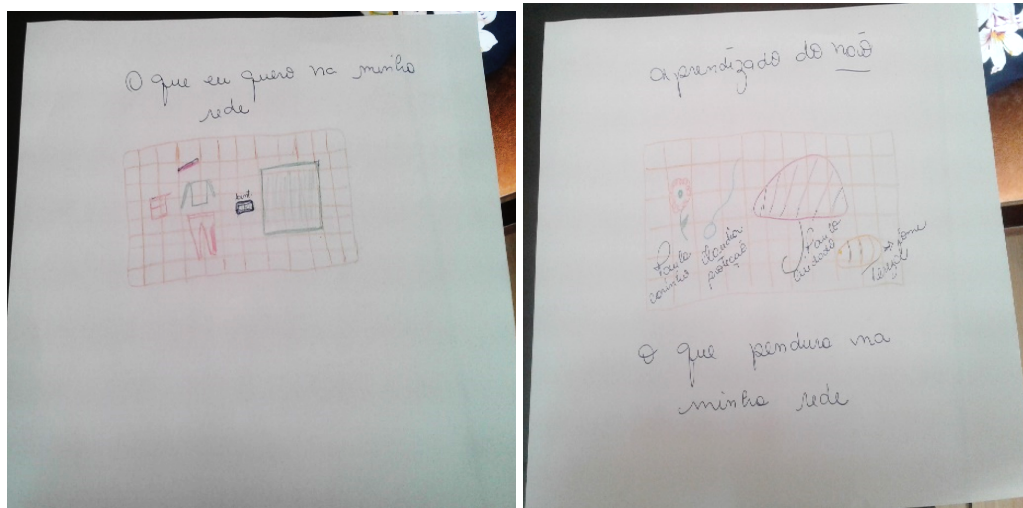


FOTO 1 – Sessão 5 – Desenho com lápis de cera

FOTO 2 – Sessão 5 – Desenho com lápis de cera

Na primeira rede, pendurou pessoas amigas, o marido e a filha. Denominou-a O aprendizado do Não. Falou que não conseguia dizer Não às pessoas, e isso às vezes era pesado para ela. Na próxima rede, só colocou objetos pessoais e queridos para ela. Chamou-a de O que eu quero na minha rede. Emocionou-se com isso.

Na segunda atividade, foi usada a técnica do Rabisco de Winnicott. D. usou lápis de cera. Depois, foi pedido que desenhasse as próprias mãos, recortasse e as colocasse no rabisco.



FOTO 3 – Sessão 6 – Desenho, Recorte e Colagem

D. percebeu que suas mãos não tomavam posse do desenho, pois se o fizessem, ela tinha medo de ser rejeitada novamente. Emocionou-se ao lembrar a situação de rejeição que a marcou e disse saber por que não impõe sua vontade, por que não consegue dizer Não!

Na terceira atividade, D. comentou sobre a descoberta que fez na sessão anterior: a dificuldade de se impor. Durante a semana, disse o primeiro Não à cunhada (esta aparece na primeira rede, Tereza). Falou que sentiu alívio e ficou muito satisfeita com atitude que tomou.

Nesta sessão, falou que gostava da história de Cinderela e que a contava para seus filhos, quando pequenos. Então, foi pedido a ela que desenhasse e narrasse o conto de fadas mencionado. Ela usou giz de cera para a atividade.

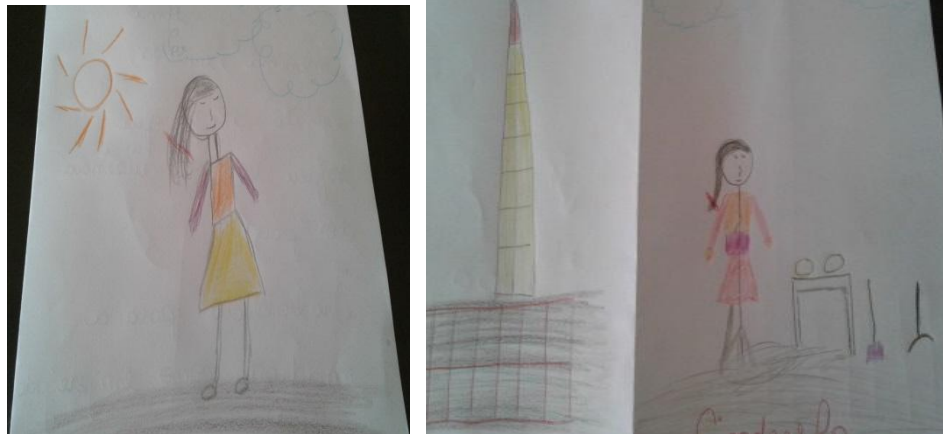


FOTO 4 – Sessão 7 – Desenho com lápis de cera

FOTO 5 – Sessão 7 – Desenho com lápis de cera

D. começou a contar a história de Cinderela e percebeu que a personagem fazia tudo o que os outros mandavam. Imediatamente se identificou com ela ao notar que a protagonista do conto também não sabia dizer Não.

Ao escrever as semelhanças entre ela e Cinderela, afirmou ter percurso semelhante ao da personagem, pois cresceu sem pai e mãe, foi maltratada pela pessoa que ficou com ela e impôs ao marido a busca que príncipe do conto fez para encontrar e conquistar a amada. Conscientizou-se de o motivo que a leva a ter dificuldade de falar Não e da necessidade de perdoar quem a abandonou.

D. trouxe para outras sessões transformações como falar o que sente, vontade de trabalhar, dividir os afazeres domésticos com marido e filhos, aceitar ser servida pelos outros e valorizar-se.

Resultados de Análise

Tinha de existir uma pintura totalmente livre da dependência da figura - o objeto – que, como a música, não ilustra coisa alguma, não conta uma

história e não lança um mito. Tal pintura contenta-se em evocar os reinos incommunicáveis do espírito, onde o sonho se torna pensamento, onde o traço se torna existência. (Michel Seuphor)

Arteterapia, com seus recursos e técnicas, possibilitou a D. agilizar transformações importantes, abdicando de velhos padrões e descobrindo, por meio da realização de atividades propostas nas sessões, quais são os apelos enviados pelo Self.

Que desenham as mãos?
As mãos que se desenham conduzindo o pensamento a fixar-se no papel
Mãos desejastes, representando que o homem a si produz.
Quando comovido ante o mundo,
O homem se aventura a fazer imagens de si mesmo e da vida à sua volta.
Faz de mãos dadas com a imaginação criadora,
Embrenhando-se nos campos da linguagem da arte.
Realizada a obra, o artista nos toca os sentidos.
Nela, ele nos dá a ver o mundo no "coração do pensamento."
"Gestos de mãos a nos despertar."
(Mirian Celeste Martins, 2009, 29)

Quanto à linguagem de materiais, o uso de lápis de cera, nas atividades destacadas neste estudo de caso, ajudou D. a se concentrar e a concretizar o que sentia; já o recorte e colagem auxiliaram-na a organizar ideias e a perceber-se em relação às suas emoções; a escrita criativa e o contar levaram-na a entrar em contato com a própria história, a perceber sua ação na vida e o que era preciso curar, perdoar para poder transformar -se e renascer.

Outro ponto a se considerar foi que, durante as sessões, o trabalho da arteterapeuta não consistiu somente em apresentar técnicas, mas também em estar atenta ao processo da pessoa atendida. D., apesar de retraída no começo, foi acolhida sem julgamentos ou aconselhamentos. Isso possibilitou a ela segurança para entrar em contato com suas emoções e a encarar revelações sobre si mesma.

O caminho que ela indicou à arteterapeuta foi o de Conto de Fadas, pois ao se perceber como Cinderela, D. abdicou velhos padrões, conseguiu falar Não e

provocou transformações em sua vida. A Fênix, portanto, renasceu, e D. agora, direciona-se à individuação mais segura e feliz.

Considerações Finais

Inicialmente, D. mostrava-se insegura, sentindo-se incapaz de fazer produções “corretas” e, por isso, pedia desculpa ao grupo constantemente. Porém, ao se sentir acolhida nas sessões, e por meio de vivências arteterapêuticas, como por exemplo, na contação de histórias, em que se identificou com Cinderela ao perceber que sempre atendia aos outros e nunca a ela mesma, conseguiu resgatar o seu querer e a se ouvir. A partir desse fato, D. operou mudanças significativas em sua vida, como falar NÃO às pessoas próximas, permitir-se ser ajudada, delegar atividades domésticas e voltar a estudar. A Fênix renasceu, portanto, trazendo para D., em plena fase da metanoia, o direcionamento para individuação.

Desse modo, fica claro como a Arteterapia cumpre o papel a que se propôs, ou seja, curar, resgatar, aceitar Sombra e Luz, ouvir e compreender o profundo do Ser, de maneira sensível e criativa, como aconteceu com D. no decorrer das sessões em que há a cura da servidão e o resgate do querer (renascimento da Fênix) , levando-a a atender os anseios do Self rumo à individuação. É a terapia do Lúdico, do Belo, do Verdadeiro que acolhe com paciência e respeito todo aquele que busca renascer para Si Mesmo.

Data de recebimento: 14.12.2020

Data de aceite 10 parecerista: 09.05.2021

Data de aceite 20 parecerista: 21.06.2021

Referências Bibliográficas

DICIONÁRIOS, MEUS. Significados. Metanoia. Disponível em <https://www.meusdicionarios.com.br> - acesso em 2019.

DINIZ, Lígia (org.) **Mitos e Arquétipos na Arteterapia: os rituais para alcançar o inconsciente** 2010. Wak Editora, 2014.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FABIETTI, Deolinda M. C. **Arteterapia e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. IN JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **O Livro Vermelho**. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

LEOPOLD, Adriana. **O envelhecer na percepção de mulheres idosas solteiras e sem filhos: Um estudo na perspectiva da psicologia analítica**. 2017. 135f. Tese (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

MACIEL, Carla. Arteterapia: uma abordagem simbólica de si mesmo IN MACIEL, Carla e CARNEIRO, Celeste (orgs). **Diálogos criativos entre a Arteterapia e a Psicologia Junguiana**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

MAGALDI, Waldemar. **metanoia na psicologia junguiana**. <http://www.waldemarmagaldi.com/metanoia-na-psicologia-junguiana/>. Acesso em 11/04/2018

MALLARD, S.D.S. **A mulher do século XXI**. 2008. Disponível em: Acesso em: 10 Set. 2012. BLAY, E.A. 8 de março: conquistas e controvérsias. 2004. Disponível em: Acesso em: 10 Ago. 2012. MESTRE, M.B.A. Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000). 2004. 236p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MATCHEIL, M. **Arteterapia. Terapia da Mulher** – Psicoterapia Transpessoal e Terapias Alternativas para mulheres. Disponível em: <http://www.terapiadamulher.sagept.com/Arteterapia.htm> - acesso em 15/07/ 2009.

MARTINS, Mirian Celeste. **Teoria e Prática no Ensino da Arte**. A língua do Mundo. São Paulo: Editora FTD, 2009.

NERUDA, Pablo. <https://www.pensador.com> › Autores › Pablo Neruda.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. São Paulo: Madras, 2003.

SEUPHOR, Michel. <https://www1.folha.uol.com.br> › fsp › 1997/12/07

Artigo Relato de Experiência

Arteterapia como potencial ferramenta para o desenvolvimento corporal infantil

Art therapy as a potential tool for child body development

Jessica Oliveira Barros¹

Resumo: O presente artigo relata vivências de 10 crianças de 3 anos em um contexto de socialização no espaço da Educação Infantil, com os respectivos processos de acolhimento para a adaptação e um percurso de constituição do eu, do outro e do grupo em si. Foram realizados encontros semanais com propostas arteterapêuticas com o intuito de refletir sobre as ferramentas lúdicas e simbólicas de potencializar a partir do vínculo do corpo no espaço, relações sociais sadias, construção de narrativas, repertório verbal, corporal e emocional, assim sobre o cuidado necessário de fornecer ambientes e materiais intencionalmente pensados para o toque sutil e movimentos corporais. O objetivo da pesquisa foi desenvolver encontros potentes de autonomia para o público infantil, visando o desenvolvimento do corpo e movimento, a partir de estratégias para aguçar o olhar criativo, resultando em uma construção de saberes singulares e parceria. Concluiu-se uma aquisição de autonomia em suas brincadeiras simbólicas, além de um suporte na resolução de conflitos sem envolvimento do corpo como ponte de agressão a si ou ao outro. Estes aprendizados afetivos fazem parcerias com habilidades necessárias

¹ Psicóloga pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Arteterapia e Criatividade pelo NAPE, atua com a infância como educadora em uma escola particular e em paralelo como psicóloga na clínica, é voluntária no Polo de Prevenção ao Abuso Sexual e Violência Doméstica do Círculo dos Trabalhadores de Vila Prudente e idealizadora do projeto Recanto Terapêutico e Alquimia de Estudos de Mandalas Terapêuticas. Contato: jessica.olibarros@gmail.com

para as competências durante a vida e a presença destes estímulos na infância se fazem relevantes para a constituição do eu.

Palavras-chave: Arteterapia; infância; afetividade; cuidado; relações; corporal; socialização; potência

Abstract: The present article reports experiences with 10 3-year-old children within a context of socialization in the area of Early Childhood Education, experiencing processes of adaptation and a course of constitution of the self, the other and the group itself. The weekly performances commit art therapy with the intention of disposing on the playful and symbolic tools to potentiate from the bond of the body in space, healthy social relations, the construction of narratives, the verbal repertoire, corporal and emotional, as well as the care of provide environments and materials intentionally thought out for the subtle touch and gesture of the body. The objective of the research was to develop self-help experiences for children, aiming the development of the body and movement, from strategies to approach the children's audience, resulting in a knowledge and partnership building. A series of possibilities of success in his symbolic strategies was concluded, besides having a support of more general goals that do not involve the body as a bridge of aggression for the other. To such during a life and have these athletics from infrastructures are relevant for the constitution of self.

Keyword: Art Therapy; childhood; affectivity; care, relations, body; socialization;

Introdução

Durante a vivência em Psicologia, na atuação em diferentes espaços em que se permeia o universo infantil, encontra-se um campo fértil e enriquecedor para novas descobertas, resgates, estudos e práticas com enfoque na primeira infância.

A ampla gama de recursos em Arteterapia, assim como sua ludicidade e sensibilidade, promovem uma série de benefícios que afloram o processo criativo dentro das práticas com as crianças.

Segundo Philippini (2004), o universo da Arteterapia envolve sensorialidade e materialidade. Acredita-se, então, que exista um alinhamento entre as descobertas da fase da infância sobre o eu, o outro e o mundo de forma curiosa e aguçada a partir destes meios sendo fonte potente para um desenvolvimento sadio e apropriação de repertórios.

Observa-se neste campo da infância, um período fundamental para a aquisição de aspectos de base para a formação da identidade de cada indivíduo, de forma que, as ferramentas em Arteterapia possam ofertar uma ampliação de possibilidades de expressão.

Vale ressaltar a riqueza de oferecer um espaço em que as crianças tenham oportunidades de experiência que respeitem o tempo de infância e que em paralelo, investiguem diferentes formas de potencializar a criatividade.

A escola representa uma instituição importante para a apropriação de repertórios sociais, culturais e de estruturação durante o desenvolvimento, de forma que o espaço, neste caso, o da Educação Infantil oferece um contexto sobre como

as crianças constroem suas percepções, ideias e emoções sobre si mesmas, a interação com o outro e o mundo que as rodeia.

A autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte, para que o indivíduo experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado. PIAGET(1932/1977, p.172).

Sendo assim, tais aspectos proporcionam um maior envolvimento das crianças, além de uma apropriação das mesmas quanto ao espaço que compartilham.

A expressão a partir das ferramentas da arte possibilita uma série de convites para aguçar os sentidos perante ao que nos rodeia e as percepções que internalizamos do mundo para apreender o que é vivenciado. Tais intervenções podem oferecer um suporte para uma constituição mais confiante, tolerante e engajada de cada criança.

Esses convites garantem um engrandecimento do olhar sensível, criativo e lúdico, com princípios estéticos de libertação e autonomia no processo de expressão do indivíduo, sendo função do arteterapeuta acompanhar e ser guardião deste processo criativo.

Vale ressaltar a arte como processo expressivo conforme Philippini (2004). Já a Arteterapia oferece uma série de possibilidades de práticas que valorizam e enriquecem as fases de desenvolvimento de cada sujeito. Desta forma, sua aplicação em espaços de respeito à infância possui caráter agregador para as práticas já existentes dentro da instituição.

Visando a atuação da Arteterapia em espaços institucionais lúdicos, entende-se que existe um elo congruente entre as percepções dos diferentes profissionais quanto à participação da arte no desenvolvimento da percepção,

imaginação, observação, raciocínio e aprendizagem, sendo um processo com muitas possibilidades para desenvolver os sentidos (SOUZA, 2002).

Neste caso, atuar com espaços interpessoais que favoreçam o encontro corporal a partir do movimento, do toque e do olhar, oferecem relações que conectam a criança ao outro, estruturam um contorno potente para um trabalho de consciência corporal e de autoimagem. Considerando o corpo como uma ponte de comunicação da criança com o mundo e levando em consideração as diferentes linguagens da criança da primeira infância, percebe-se a amplitude do trabalho corporal como uma forma de contorno e pertencimento do corpo no espaço, assim como oferecer um repertório de construções criativa.

Neste caso, atuar com espaços interpessoais que favoreçam o encontro corporal a partir do movimento, do toque e do olhar, que ofereçam a possibilidade de contato da criança com o outro, permite criar um contorno potente para um trabalho de consciência corporal e de autoimagem.

Visando o corpo como uma ponte de comunicação da criança com o mundo e levando em consideração as diferentes linguagens da criança da primeira infância, percebe-se a amplitude do trabalho corporal como uma forma de contorno e pertencimento do corpo no espaço, é possível oferecer para cada, um repertório de construções criativas e singulares.

Pensando no extenso repertório expressivo das crianças que antecede e transcende o verbal, é a partir do processo artístico, sua sensorialidade e movimento que ofertarão os códigos não-verbais de cada uma, a partir de suas vivências e formas de internalizar o mundo. (COUTINHO, 2013)

O toque em si, além de trazer aspectos como vínculo, proteção, acolhimento e intimidade, também age como impulso encorajador para uma construção de desenvolvimento sadio e autonomia motora e social, estas que oferecem formas flexíveis de apreensão sobre o mundo e seus diferentes funcionamentos. Estudos no Instituto Fazendo História (2005) apresentam a importância do cuidado durante a relação estabelecida entre a criança e o ambiente, influenciando no seu desenvolvimento cognitivo e comportamental. De acordo com o Instituto, entre 0 e 3 anos, 90% das sinapses que serão estimuladas e utilizadas durante a rotina passam a fazer parte permanente do circuito cerebral do ser humano ao longo da vida.

O objetivo desta pesquisa é desenvolver encontros potentes de autonomia para o público infantil, visando o desenvolvimento corporal, a partir de estratégias arteterapêuticas para aguçar o olhar criativo das crianças. Dessa forma, oferecer repertório para autonomia, expressão afetiva e artística, assim como aquisição de recursos de noção corporal e autoimagem, proporcionando atividades de relaxamento e de expressão corporal e artística.

Base Teórica

Ao longo da pesquisa bibliográfica, percebeu-se a relevância de estudos desta natureza publicados com enfoque na primeira infância, visando que no contexto atual, há maior inserção dessa faixa etária no espaço institucional, além de um cenário sociocultural que possui um olhar que reconhece e valida a infância, a importância do percurso do brincar e as conquistas de cada fase que se entrelaçam a favor do desenvolvimento pleno de cada ser humano. Perante isto, há um campo

rico e fértil para práticas em Arteterapia, valendo ressaltar que as mesmas oferecem recursos potentes e sensíveis para a infância, favorecem um desenvolvimento sadio e ampliam o repertório social, noções corporais e de procedimento.

A fase da infância se configura como um período importante para a estruturação do self segundo Devries (1998), assim como sua maturação frente a processos cognitivos, sociais, culturais, emocionais, motores e biológicos. Este período se refere ao mais importante para a apropriação do mundo e de elaboração de vivências significativas, visando que a construção da autoimagem realista e positiva da criança vai se construindo progressivamente a partir das suas experiências diárias.

Tal relação com a primeira infância se faz forma potente, garantindo a autonomia a partir do olhar sensível e aguçado de adultos e cuidadores que estabeleçam uma relação de confiança e colaboração que não olhe para a criança como um ser passivo e ofereça desafios que cabem para as possibilidades motoras e cognitivas da criança, sem que ela demande da ajuda ou autorização do adulto para se explorar o espaço oferecido.

O cuidado com esta fase e um olhar diferenciado quanto às particularidades da infância são aspectos que merecem atenção e reflexão de forma que muitas crianças da primeira infância tem adentrado nas Instituições, sendo um campo fértil e potente para dialogarmos mais sobre o processo criativo e de desenvolvimento desta faixa etária, o que se pode aprender com estas relações e como intervir e dialogar sobre esta fase.

A partir deste cuidado que dialoga parceria e autonomia da criança, vale ressaltar o respeito ao tempo deste corpo infantil, de maneira que a busca por

ampliação de saberes esteja alinhada com o percurso de descobertas daquela criança, a fim de não convocá-la a um desenvolvimento com estímulos invasivos que acelerem seu aprendizado motor e cognitivo de forma agressiva.

A primeira infância envolve um processo de diferenciação que ocorre de forma gradual, visando que a relação mãe-bebê transcende e se molda para relações secundárias ao meio familiar e social, consolidando a criança como um ser de desejos, experiências e singularidade. Neste momento ocorre a percepção do mundo afora, do outro e do campo afetivo-emocional, além de ações que envolvem os arquétipos (RIBAS,2017).

Tais arquétipos constituem na memória cultural e social carregados a partir dos conhecimentos e aprendizados evolutivos ao longo da humanidade em que os fenômenos se associam ao modo de viver nos dias de hoje .

Já os complexos permeiam a partir das vivências significativas e pessoais de cada da constituição de indivíduo. São imagens, ideias e experiências de carga emocional ligados a um ou mais arquétipos (Jung, 2009).

Os conteúdos e maneiras de aprender e apreender o mundo podem ser materializadas afetivamente a partir do manuseio e descoberta dos materiais de forma livre, oferecendo a aquisição de diferentes saberes que constituem competências relevantes pro ser e estar no mundo.

Para Winnicott (1975) o brincar conduz a criança ao ato de se relacionar, havendo uma comunicação entre o eu e o outro, sendo este, um facilitador de desenvolvimento sadio, resiliente e com garantias de autonomia perante as transições necessárias do processo do crescimento.

Tais processos como pintura, modelagem, garatujas e demais elementos ofertados nas instalações construídas para este grupo de crianças buscou apresentar os materiais como mediadores do processo de narrativas simbólicas.

Desta forma, a prática arteterapêutica se apresenta como uma ferramenta que amplia as possibilidades de expressão, indo além da abordagem tradicional, que é baseada na linguagem verbal (REIS, 2017). Tendo em vista que a primeira infância acompanha um processo de contato com o mundo interior e exterior de forma sensível e muitas vezes transcendendo da linguagem verbal, tal prática visa potencializar este entendimento e oferecer mecanismos de interlocução com este desenvolvimento, oferecendo espaço para a expressão potente do corpo que para se apropriar, se movimenta de forma brincante.

Entende-se o brincar como forma de elaborar e apreender aspectos da rotina, das relações construídas e da forma com que o mundo se apresenta. A observação da livre experimentação das crianças a partir dos materiais intencionalmente oferecidos abre possibilidades ricas de compreender o olhar da criança e de direcionar sutilmente as transformações que a organize criativamente frente às adversidades (COUTINHO, 2013).

A curiosidade da criança abre caminhos para diferentes experiências sensoriais e ao serem oferecidos intencionalmente materiais que possam enriquecer a relação com o espaço e o outro, oferece então, o aguçamento dos sentidos, noção corporal e familiaridade em explorar os materiais com o corpo a partir do toque e das sutilezas singulares de cada um.

A brincadeira é uma ponte para a realidade e que nós adultos, através de uma brincadeira de criança, podemos compreender como ela vê e constrói o mundo: quais são as suas preocupações, que problemas ela sente, como ela gostaria que fosse a sua vida. Ela expressa o que teria dificuldade de colocar em palavras. Ou seja, brincar é a sua linguagem secreta que

devemos respeitar mesmo que não a entendamos. (BETTELHEIM 1989 apud COSTA 2007, p.17)

A criança, seu percurso e suas maneiras autorais de se colocar no mundo oferecem uma riqueza que transcende o olhar do adulto que a acompanha, de forma que é observar suas descobertas e dar espaço para que elas fluam e sejam exteriorizadas de forma lúdica, brincante e potencialmente criativa, com liberdade e autonomia.

Tais construções possibilitam a ponte daquilo que se vive internamente a partir do uso dos materiais oferecidos, de forma com que estes possibilitem um maior repertório de formas de expressão no contato com o mundo externo.

Como formas expressivas, as coisas falam: mostram as configurações que assumem. Elas se anunciam, atestam sua presença: 'olhem, estamos aqui'. Elas nos observam independentemente do modo como as observamos, independente de nossas perspectivas, do que pretendemos com elas e como as utilizamos. Essa exigência de atenção indica um mundo alçado. (HILLMAN apud PHILIPPINI, 2007 p.11)

Desta forma, além de potencializar o encontro das crianças com aquilo que é apreendido no mundo, acredita-se que assim, a criança possa encontrar formas de se conectar com seus sentimentos, memórias e relações construídas ao longo da vida de forma mais autônoma e com vitalidade.

Vínculos que fazem registros, relações que fazem memórias na morada corporal de cada um, dando espaço para diferentes encontros durante a conexão com o novo que o mundo proporciona diariamente durante a infância.

Estas vivências contam então, de como fazem de suas investigações, o seu próprio significado. Sendo assim, formas de se ver, de ver o outro, de ser e de estar no mundo.

Metodologia

O trabalho desenvolvido foi realizado com um grupo de 10 crianças de 3 anos, em que o método envolveu um percurso de sensorialidade e movimento, como uma forma convidativa de construção de vínculo do grupo e de promover um olhar afetivo de descoberta de seu corpo e do outro.

É amparado sobre tais desafios e descobertas que pretende-se apresentar alguns encontros que se fizeram relevantes para o trabalho presente.

Será relatado sobre o processo de 2 crianças do grupo, lembrando de que independente de trazer especificidades de casos, todas estavam em relação e em processo de construção de vínculo enquanto grupo.

Ambas possuíram formas diferentes de se relacionar com os materiais e de compartilhá-los com o grupo, assim como suas formas de se colocar dentro desta construção de grupo.

Vale ressaltar que não se pretende realizar avaliações psicológicas que estigmatizem ou padronizem a prática realizada e sim, de compartilhar diferentes formas de construção de vínculo, respeitando as singularidades e a autoria da infância dentro do percurso arteterapêutico.

A. é uma criança que interage de forma bastante observadora e prefere as brincadeiras mais individuais. No início do percurso se mantinha isolado e fazia uso da mordida constante como forma de comunicação de seus desconfortos e percepções de ser invadido ou interrompido, momentos associados ao sentimento de insegurança, os quais demandou acolhimento e nomeação de seus sentimentos para firmar sua segurança dentro do coletivo.

Já a criança L. se mostrava muito aberta às solicitações das crianças, possuía dificuldade em se colocar nos espaços sociais sem o direcionamento dos adultos, fazer uso do “não” em situações de desconforto e de interagir mais ativamente dentro do grupo.

Os encontros envolveram a exploração de diferentes materiais, que entre elas, propuseram a sensibilização o corpo, a conexão do mesmo com a relação simbólica com o ninho como conexão de morada, reconhecimento do eu e do outro e pertencimento, além da relação potente com o material da argila para este grupo.

Estas atividades paralelas se entrelaçam na medida em que as crianças são convidadas por espaços ricos de sensorialidade e de relação, de forma com que cada um apresenta e constrói a sua forma de interagir e de vivenciar tais espaços lúdicos.

Inspirado pelo filósofo Bachelard (2008), foi realizado um trabalho com ninhos, como uma conexão simbólica de morada. Assim, buscou-se a construção e interação sensorial com os elementos, formando espaços intencionalmente afetivos e acolhedores, visando uma noção corporal e o espaço do eu dentro do coletivo, com vivências de sensibilidade e aconchego.

Em muitos momentos, a sala virou um grande “ninho” para fazerem morada e ao som de várias espécies de passarinhos, suas imagens e suas singularidades ao fazer suas casas, as crianças puderam se familiarizar com a livre construção, realizar suas próprias criações, entrando em contato com os diferentes materiais como caixas, tecidos, penas, folhas, flores, pedras, argila, serragem e o mais que as pudesse encantar no espaço de exploração. Vale ressaltar que os materiais foram

postos de forma intencional, mas que a escolha de uso destes foi oferecida de forma livre para que cada uma pudesse realizar suas próprias criações e narrativas.

Resultados

Ao conhecer diferentes ninhos, expandiu-se a forma de olhar e de criar, de sentir e de compartilhar. A relação com os materiais abriu caminhos para encontros afetivos, de expressão e autoria, em que cada criança fez do espaço, um pouco de si e um pouco do que se constrói quando se reconhece em relação.

O espaço convidou as crianças para muitas brincadeiras de forma que, durante a rotina, o grupo passou a trazer muitas narrativas livres sobre o ninho, montando com autonomia os seus próprios cantos afetivos para se encaixar, brincadeiras de passarinho no quintal, envolvimentos nas rodas de conversas, ateliês e momentos de história, fazendo relação com as construções.

Os poemas de pássaros de Lalau e Laurabeatriz acompanharam a rotina, assim como muitas contações de história que envolvessem a ideia de abrigo, junto a relaxamentos com penas, sons da natureza e interação com o corpo e suas sensações. Fincam-se então, os pés no chão e se encontram em um lugar para chamar de seu. Cada descoberta abriu caminhos para brincadeiras simbólicas íntimas e em conjunto, em busca de cantos de repouso, de encaixe, de cuidado e movimentos, cada uma com sua forma de fazer de sua vivência, afeto.

Durante o percurso com o grupo, percebeu-se de que assim como o ninho representa o colo e o aconchego, ele também é transição e preparo para novos horizontes. As crianças, mesmo tão pequenas, na medida em que vivenciam nos

espaços, saíam constantemente da zona de conforto, que é o ninho, para fazer novas conquistas e buscar, de pouco a pouco, seus espaços e resoluções que contribuem para firmar identidade e noção de sociedade.

De criações de ninhos, foram-se realizando presentes construídos pelas crianças e para as crianças, inspirados pelo ninho do pavilhão, um pássaro que coleciona e enfeita seu ninho com objetos azuis e dentro de cada um, foram coletados pelas crianças, objetos significativos que compõem suas memórias, registros de algumas vivências e marcas construídas e deixadas pelo grupo, nesse aglomerado intenso de olhares, risos, disputas, convites e conexões que são parte da infância.

A oferta de um cenário de ninhos para a construção do imaginário do grupo, trouxe o interesse em comum pelos pássaros e suas moradas em uma construção brincante que dialogou com a construção do afeto. O tema das brincadeiras ultrapassou o tempo das atividades arteterapêuticas oferecidas na rotina e passou a existir nos momentos livres de quintal e narrativas realizadas pelas crianças.



Criança L, uma criança extremamente acolhedora, mas com muitas dificuldades de impor seus desejos e necessidades, perdia facilmente sua vez nas

brincadeiras e nas escolhas de materiais, puxavam os objetos de sua mão, a mesma não demonstrava reação e muitas vezes, era empurrada para fora dos círculos em que havia algum canto de brincadeira.

Entretanto, L. tendo sua função acolhedora e de ajudante neste grupo, validada e verbalizada durante os processos de Arteterapia, passou a contornar mais a situação, impondo seu espaço sem medo de ser rejeitada nos momentos posteriores, na medida em que se construiu uma noção de pertencimento dentro do espaço.

Durante as brincadeiras simbólicas, passou a trazer noção de combinados e alguns 'nãos', como forma de elaborar o espaço do desejo dentro das relações, com o seu jeito generoso com o outro e desta vez, construindo esta generosidade com seus desejos também.

Estes são aspectos importantes nas diferentes fases de desenvolvimento da vida, porém levando em consideração a faixa etária das crianças, a validação destes aprendizados sociais podem se fazer mais sólidos quando construídos e nomeados desde cedo, ampliando o vocabulário emocional, este que gerará dentro das relações, expressão, confiança e noção de que nomear emoções diferentes gera consequências diferentes, de forma que o sujeito não se sinta refém de suas condições futuras de adversidades.



“Cada buraco é a casa de um amigo meu” (sic) – ninho construído por L

Já a criança A, que gostava bastante dos ninhos de caixotes e pneus do espaço, o levando a se encaixar e fazer brincadeiras mais íntimas. Suas brincadeiras possuíam um aspecto mais introspectivo e a chegada das crianças, gerava comportamentos hostis, lhe dando sensação de invasão. Nomear com as crianças estes sentimentos, assim como oferecer brincadeiras em que as crianças pudessem compartilhar e dar para essa noção de invasão, um espaço para parcerias e gostos parecidos, foi importante para conflitos que se resolvessem sem o uso de mordidas e choros.

Vale ressaltar que acolher o comportamento hostil de A e identificar junto com ele seu coração acelerado, nomear seus gostos e chateações, foi um processo difícil e importante para a legitimidade de suas emoções, sua noção de pertencimento dentro do grupo e em relação aos materiais.

Seu medo de perder espaço fazia com que se fechasse e isentasse as outras crianças daquilo que acumulava em suas mãos e em seu ninho escolhido. Se sentir seguro e olhado permitiu que a fala entrasse nas resoluções e em momentos muitos

extremos de raiva, a criança passou por processos de escolher morder o objeto ou pedir ajuda da adulta e aceitar a ajuda de terceiras crianças.

Em brincadeiras simbólicas, retomava o cenário dos conflitos vivenciados mais calmamente, a noção corporal e expressões com os gestos das mãos passaram a dar mais o tom de suas necessidades em momentos de conflito.

Esta mesma criança estava, na época, com um problema de pele, que segundo dermatologistas, era de cunho emocional e em paralelo, a criança estava em constante transição devido a uma situação familiar. A partir da parceria com a família e das brincadeiras simbólicas de aconchego, o problema de pele pôde ser controlado e sua noção de pertencimento nos espaços foi amparada.

Outro aspecto fundamental foi a relação potente entre as mãos e a argila no processo de construção singular de cada criança. A argila foi escolhida tanto por sua capacidade de aterrar, trazer sensações diferentes durante a manipulação, como também por ter sido um material que o grupo conseguia manter-se concentrado por um tempo significativo.

Para Oaklander (1980), a argila é um material prazeroso de se trabalhar com as crianças pela fluidez que sua relação com o corpo proporciona e traz uma reflexão importante sobre o processo de interação com o material.

O material foi oferecido e revisitado em muitos momentos diferentes dos encontros, como forma de relaxamento, com água, ateliê com diferentes materiais e em diferentes tamanhos.

Vale ressaltar a importância do uso de diferentes materiais e a própria visita dos mesmos em diferentes propostas, oferecendo condições de ampliação de repertório, familiarização e possibilidades de resignificação dos

materiais, a partir do contexto oferecido, do espaço utilizado, das singularidades e de como o grupo se relaciona a partir de cada momento.

Chiesa (2004) coloca a importância dos materiais, da forma como a criança se relaciona com estes tende a refletir como ela se relaciona com o ambiente, inclusive, com os diferentes sentimentos e sensações que possam emergir dentro da proposta.

Para a construção de ninhos, a argila foi um material muito requisitado pelas crianças e demonstrava compor sensações tranquilizadoras conforme as marcas das crianças e suas diferentes pressões para materializar suas criações.

Para Alessandrini (1996), a relação com a argila oferece um crescimento afetivo e cognitivo, associados à aprendizagem, sendo este trabalho vivenciado de uma forma muito íntima e com expressões internas que se materializam e se perpetuam.

A mesma autora apresenta que “modelar com argila toca a potência de criar o seu próprio contorno e de definir seu próprio como” (Alessandrini, 1996 p.88). Neste caso, o contorno delimitado pelas mãos e narrativas de cada criança, fez-se como uma fonte de trazer aspectos de abrigo e aconchego, substantivos que se relacionam com significados de afeto e proteção, portanto, aspectos fundamentais para um desenvolvimento saudável.

Após o manuseio, era nítida a calma do grupo, advinda durante o processo. O toque livre com as mãos e pés contribuíram para uma relação contínua de exploração e contato com o material. Este também possuiu seu papel de potência durante a imersão do corpo com os elementos naturais, suas explorações com mãos e pés.

É a partir de experiências com o singelo que foi dado espaço para o potencial criativo que emerge dentro de cada um, o que possibilita uma série de ressignificações do mundo e das coisas a partir dos olhares curiosos.

O pé no chão, as mãos frente às misturas e texturas, assim como o contato dos elementos da terra com o corpo e os sentidos leva a uma série de percepções.

Alguns se concentram em um só espaço, outros trocam entre pares, buscam mostrar a todo instante suas descobertas ou simplesmente experimentam em silêncio como quem guarda um segredo.

Cada experiência é única e agregadora para o desenvolvimento das crianças. Há um encanto no processo que não fica só na mão do adulto que conduz, pois as crianças se debruçam às suas próprias investigações, formando em um enriquecimento nas propostas pois dentro de uma atividade, formam-se registros singulares que moldam o planejamento da adulta conforme as crianças tecem suas teias de saberes.

Levando em consideração a relação das atividades oferecidas com as funções junguianas, percebe-se a relevância da sensorialidade para as crianças como um fator de estímulo nesta etapa de reconhecer o mundo ao redor e de se reconhecer perante ele.

Jung (1960) apresentou, entre os tipos psicológicos, a percepção, sensação, pensamento e sentimento. Neste caso, serão levantados alguns pontos a partir da sensação que foi o aspecto mais latente entre as atividades.



Tendo-se em vista que a pele é como primeiro órgão de percepção a se desenvolver no ser humano, gerando a noção de contorno e continuidade física e dimensão do espaço que ocupa, percebe-se a importância destes estímulos. É a partir da sensação da pele que as experiências vão se associando a sentimentos tidos como bons ou não.

As experiências sensoriais oferecem a partir do movimento e do toque, possibilidades de se relacionar com o mundo e de elaborar as vivências. Entrar em contato com os elementos e o corpo é entrar em contato com o mundo que os rodeiam, assim como as formas de olhar e elaborar os cenários que emergem.

Jung (1960) trouxe que o complexo aparece na expressão corporal e que estas não são fixas, pois a vida vai oferecendo possibilidades adaptativas que tragam transformação, possibilitando competências resilientes. A partir da diversidade de estímulos sensoriais que se amplia e atualiza a noção e a memória corporal.

Chiesa (2004) apresenta a relação que a sensação e o movimento têm durante o ato exploratório do corpo sobre os materiais oferecidos nos encontros arteterapêuticos, assim como a potência em seus entrelaçamentos.

“o nível sensorio refere-se às sensações experienciadas e, com ele, o indivíduo percebe o seu potencial energético. No nível motor, a ação é caracterizada pela expressão de movimentos. A estimulação sensorio-motor apresenta um componente curativo e terapêutico, que surge

através do ritmo que espontaneamente se estabelece, do desenvolvimento da forma e da percepção dessa e de seus significados” (p.46)

A experiência do corpo frente às diferentes possibilidades de interação com o espaço e seus diferentes estímulos enriquece as formas de construção, o que gera maior sensação de pertencimento sobre aquilo que está sendo manipulado, aproximando a produção artística como parte construída de si, levando em consideração sempre a singularidade e as influências culturais, sociais, ambientais e emocionais de cada situação.

Vale ressaltar que Sharp (1990, p.9) argumenta quanto ao cuidado de não rotular nenhum indivíduo:

“O modelo tipológico de Jung não é um sistema de análise das personalidades, nem um meio de rotular-se a si mesmo e aos outros. Da mesma forma que uma pessoa deve usar uma bússola para determinar o lugar onde se encontra no mundo físico, a tipologia de Jung é um instrumento para a orientação psicológica. Trata-se de um meio de compreender tanto a si mesmo como as dificuldades de relacionamentos entre as pessoas.”

A partir desta afirmação, vale a importância de reforçar esta não-rotulação dos aspectos da personalidade, principalmente em casos que envolvam a infância e suas respectivas descobertas sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que as rodeia. Valendo-se, portanto, de que esta apropriação do mundo interno e mundo externo oferece maleabilidade e flexibilidade de acordo com o que está vivendo, proporcionando para a criança, espaços férteis para que elas cresçam e tenham maior repertório de potência criativa de vida.

Considera-se relevante compreender o desenvolvimento como capacidade progressiva do ser humano realizar atividades cada vez mais complexas, de forma que oferecer espaços arteterapêuticos para as crianças enriquece o potencial

criativo e resiliente do desenvolvimento de cada, possibilitando em relações humanas e constituições psíquicas mais saudáveis e tolerantes.

Considerações Finais

Considerando-se o passar dos encontros, são notáveis muitas conquistas ao se pensar na constituição do grupo, na singularidade e especificidade de cada criança.

O processo de transição da faixa etária de cada um os leva naturalmente em esperadas mudanças, mas foi possível focar algumas situações que possam revelar em um ambiente que se apresentou rico para fornecer repertório facilitador para um desenvolvimento criativo perante adversidades.

O grupo, em meio a tantas descobertas, possuía um caráter naturalmente egocêntrico e em muitos momentos de transição de rotina ou de conflitos de interesse, geravam comportamentos agressivos, mordidas excessivas e intensos choros, como forma de apresentar na transgressão, um problema ou incômodo que estivesse acontecendo. São processos naturais do desenvolvimento do ser humano que merecem ser legitimados e acolhidos para que a aquisição de saberes seja sadia e possibilite uma percepção sobre suas construções emocionais que levarão as crianças a um entendimento sobre seus diferentes estados.

O olhar, a escuta, o toque e o tempo respeitado de cada criança foram aspectos fundamentais para oferecer um leque de possibilidades de formas de lidar com adversidades, assim como o contorno para a criança, que envolve a sensação

de segurança necessária para um desenvolvimento sadio e competências emocionais e sociais.

Oferecer repertório de fala e de cuidado são aspectos que as crianças vão se apropriando a partir da forma com que nossa interação com os materiais e com o grupo é realizada. Aprendeu-se a ter comportamentos de cuidado conforme esse cuidado foi apresentado, verbalizado e validado.

A presença potente da arte e seu rico leque de convites de imersão com os quais as crianças tiveram contato possuiu um grande protagonismo para que cada uma a seu tempo e jeito, pudesse fazer do espaço da escola, uma forma de construir vínculos, afetos e saberes. A partir do percurso construído neste trabalho, entende-se que a arte interage como uma poderosa ferramenta de experimentação e canalização de energias, podendo oferecer benefícios sensoriais de bem estar, foco, concentração, além de engrandecer o olhar sobre o espaço em que se habita, as relações e os diferentes estados emocionais que são externalizados diante das construções sociais e culturais que ocorrem no chão da escola e no espaço que a infância permeia.

Por este ponto, foi percebida uma maior autonomia das crianças em suas brincadeiras simbólicas, espaço em que o mundo é elaborado por elas, além de um suporte maior para interagir em resoluções de conflitos mais generosas que não envolvessem o corpo como ponte de agressão ao outro ou a si mesmos.

Estes aprendizados afetivos de relação fazem parcerias com muitas habilidades necessárias para as competências a serem desenvolvidas durante a vida e ter estes estímulos desde a infância se fazem muito relevantes para a constituição do eu no mundo.

Data de recebimento:11.08.2019

Data de aceite 1º parecerista: 03.11.2019

Data de aceite 2º parecerista: 02.10.2020

Referências Bibliográficas

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina Criativa e Psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ALVES, Patrícia. **Autoimagem de crianças e a contribuição da Arteterapia**. Encontro: Revista de Psicologia Vol 14 N 21, São Paulo, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Editora Martins Fontes: Coleção Tópicos; 5ª ed, São Paulo, 2008.

CHIESA, R.F. **O diálogo com o barro: o encontro com o criativo**. 1º ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com Crianças**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2013.

DEVRIES,RHETA;ZAN,Betty. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. 1º Ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 1998.

FRITZEN, Celdon. **Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, Sp: Papyrus, 2008.

INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA. **O acolhimento de bebês: práticas e reflexões compartilhadas**. São Paulo, 2005

JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. 7º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Vol.9/1 – Col. Obra Completa. 7° Ed. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

LALAU & LAURABEATRIZ. **Passarinhos do Brasil: Poemas que voam**. Ed. Peirópolis, 2013.

PHILIPPINI, A. **Mas o que é mesmo Arteterapia?**. Rio de Janeiro. 2004

PHILIPPINI, Â. **Para entender arteterapia: Cartografias da coragem**. Rio de Janeiro: WAK, 2004.

PHILIPPINI, Â. **Arteterapia, Métodos, Projetos e Processos**. Rio de Janeiro: WAK, 2007.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999

REIS, Maria. **A Arteterapia como possibilidade de reencontro de si na relação com outros**. Ciência (In) Cena Bahia, Vol. 1, No 4, 2017

RIBAS, Gilmar. **Arteterapia com crianças abrigadas**. Curitiba, 2017

SOARES, Suzana. **Vínculo, Movimento e Autonomia – Educação até 3 anos**. Coleção Primeira Infância. São Paulo: Ed. Omnisciência, 2017

SOUZA, Analia. **Memorial de Arte e Cultura nas práticas pedagógicas da Educação Infantil**. UnU-Inhumas-UEG. 2002

SUE, N.; Robins D. **Livro Gigante de Artes para Criança**. São Paulo: Girassol. 2008.

TOSTI, Adriana; SEI, Maira. **Arteterapia e educação: promoção do desenvolvimento através do ateliê arteterapêutico no contexto escolar**. São Paulo. 2000

WILLIAMS, J. **Artes na Natureza**. São Paulo. Madras, 1974.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. RJ: Editora Imago LTDA, 1975.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos encomendados ou remetidos espontaneamente pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigos de pesquisa, artigos de revisão teórica, relatos de experiência, resenhas e resumos de monografias, dissertações e teses.
2. Antes do encaminhamento dos trabalhos para o Conselho Editorial da Revista da AATESP, estes devem ser submetidos à revisão da língua escrita por um profissional habilitado, ficando para o parecerista a responsabilidade pela análise do conteúdo do trabalho.
3. Os artigos situados dentro da categoria “Relato de Experiência” devem ser submetidos por profissionais arteterapeutas ou estudantes de Arteterapia credenciados pelas Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – www.ubaat.org.
4. Em caso de artigos de profissionais de outras áreas que fizerem uso da Arteterapia em seus trabalhos de pesquisa, estes poderão ser submetidos à nossa apreciação, desde que assinados por um profissional arteterapeuta, co-autor, validando as intervenções arteterapêuticas aplicadas e obedecendo o mesmo critério do item anterior em relação ao mesmo.
5. Trabalhos de cunho teórico com o objetivo de contribuir para a expansão dos estudos na área da Arteterapia também podem ser apresentados para nossa apreciação, haja vista a importância da relação da Arteterapia com outras áreas do conhecimento.
6. Os artigos e relatos de experiência devem conter no máximo 20 páginas, incluindo as referências bibliográficas; as resenhas, 4 páginas; e os resumos de monografias, dissertações e teses, 1 página.
7. O autor deve enviar o trabalho somente para o e-mail textos.aatesp@gmail.com, em extensão “.doc”, com fonte Arial, tamanho 12, formato A4, com margens de 2 cm e espaçamento duplo. As referências devem ser inseridas ao final do texto e as notas de rodapé devem se restringir àquelas efetivamente necessárias.
8. Os artigos devem ser acompanhados de resumos, com até 200 palavras, além de um mínimo de 3 palavras-chave. O título, o resumo e as palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
9. No envio do trabalho, o autor deve encaminhar arquivo com carta assinada em formato “.jpg” ou “.pdf”, explicitando a intenção de submeter o material para publicação na Revista Arteterapia da AATESP, com cessão dos direitos autorais à Revista.
10. O nome do autor ou quaisquer outros dados identificatórios devem aparecer apenas na página de rosto. O título deve ser repetido isoladamente na primeira página iniciando o texto, seguido do resumo e palavras-chave, conforme instruções do item 6.
11. O autor deve anexar, na página de rosto, seus créditos acadêmicos e profissionais, além do endereço completo, telefone e e-mail para contato.
12. Não deve haver ao longo do texto ou no arquivo do artigo qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como papel timbrado, rodapé com o nome do autor, dados no menu “Propriedades” do Word.
13. O conteúdo do trabalho é de inteira responsabilidade do autor.

EXEMPLOS DE REFERÊNCIAS e CITAÇÕES

Os trabalhos devem seguir orientações estabelecidas pela norma NBR-6023 da ABNT, quanto a:

a) Referências bibliográficas. Exemplos:

◆ Livros

RHYNE, J. **Arte e Gestalt: padrões que convergem**. São Paulo: Summus, 2000. 279p.

◆ Capítulos de livros

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. Em: CIORNAI, S. **Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em Arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004. p. 219-223.

◆ Dissertações e teses

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

◆ Artigos de periódicos

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

◆ Trabalho de congresso ou similar (publicado)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR Mini Conference, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.

b) Citações de autores no decorrer do texto (NBR 10520/2002)

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas.

A forma de citação adotada pela Revista será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte é feita: pelo sobrenome de cada autor ou nome de cada entidade responsável, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso **de citação direta**, separados por vírgula e entre parênteses. Exemplos:

“Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

Ou,

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

◆ Citações diretas com menos de três linhas devem vir entre aspas duplas, no

próprio corpo do texto. Exemplo:

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

- ◆ **Citações diretas com mais de três linhas** devem ser restritas ao mínimo necessário e não exceder 10 linhas. Quando utilizadas devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra 10 e sem aspas. Exemplo: Goswami (2000) explica que:

... nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

- ◆ **Citações indiretas** devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original do texto e geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceito do autor. São livres de aspas e não precisam de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

Ou,

Os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

- ◆ Não se indica a inserção de notas de rodapé, que devem se restringir ao mínimo necessário. São digitadas dentro das margens ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda=][